



UFOP

Universidade Federal
de Ouro Preto

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
ESCOLA DE DIREITO, TURISMO E MUSEOLOGIA
DEPARTAMENTO DE TURISMO**

YASMINE KLESSE LEONARDO

**À RELAÇÃO DO OURO-PRETANO COM OS EQUIPAMENTOS TURÍSTICOS DA CIDADE E O
ENVOLVIMENTO COM O PATRIMÔNIO.**

Ouro Preto - Minas Gerais,
2022

YASMINE KLESSE LEONARDO

A RELAÇÃO DO OURO-PRETANO COM OS EQUIPAMENTOS TURÍSTICOS DA CIDADE E O
ENVOLVIMENTO COM O PATRIMÔNIO.

Monografia apresentada ao Curso de Turismo da Universidade Federal de Ouro Preto, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Turismo.

Orientadora: Prof^a. Dra. Alissandra Nazareth de Carvalho.

Ouro Preto - Minas Gerais,
2022



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
REITORIA
ESCOLA DE DIREITO, TURISMO E MUSEOLOGIA
DEPARTAMENTO DE TURISMO



FOLHA DE APROVAÇÃO

Yasmine Klesse Leonardo
A RELAÇÃO DO OUROPRETANO COM OS EQUIPAMENTOS TURÍSTICOS DA CIDADE E O ENVOLVIMENTO COM O
PATRIMÔNIO

Monografia apresentada ao Curso de Turismo da Universidade Federal
de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Turismo

Aprovada em 03 de novembro de 2022

Membros da banca

Dra. Alissandra Nazareth de Carvalho - Orientador(a) (Universidade Federal de Ouro Preto)
Dra. Kerley Alves - (Universidade Federal de Ouro Preto)
Dra. Luana Melo - (Universidade Federal de Ouro Preto)

Alissandra Nazareth de Carvalho, orientadora do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na
Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 04/11/2022



Documento assinado eletronicamente por **Alissandra Nazareth de Carvalho, PROFESSOR DE
MAGISTERIO SUPERIOR**, em 04/11/2022, às 19:12, conforme horário oficial de Brasília, com
fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site
[http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?
acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0](http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **0422719** e
o código CRC **200D627D**.

Referência: Caso responda este documento, indicar expressamente o Processo nº 23109.015064/2022-16

SEI nº 0422719

R. Diogo de Vasconcelos, 122, - Bairro Pilar Ouro Preto/MG, CEP 35402-163
Telefone: 3135591447 - www.ufop.br

AGRADECIMENTOS

Primeiramente gostaria de agradecer aos meus pais, Joana e Luis, que foram minhas maiores motivações para iniciar a graduação, e meus maiores incentivadores desde os primeiros passos. A minha avó dona Maria, pelo cuidado, amor e por também ser uma inspiração.

A UFOP pelo ensino de qualidade e pelas políticas socioeconômicas, que foram fundamentais durante a graduação. Ao Detur por ter me proporcionado uma visão sensível sobre o turismo, em especial minha orientadora Prof Dr^a Alissandra, por ter acreditado em mim e auxílio e pela atenção durante este trabalho. Aos meus amigos do curso, que fizeram com que todo esse processo fosse mais leve, em especial Elielton, Marcos, Danúzia e Vanessa.

A Gabriela e Lara pela parceria incondicional mesmo a distância. E a todos que contribuíram de alguma forma para que eu concluísse esta etapa, meu muito obrigada.

*“Até a jornada de mil milhas começa
com um pequeno passo.”*

Provérbio japonês.

RESUMO

Ouro Preto é uma cidade tombada por ser um sítio urbano pouco alterado e pelas fortes expressões artísticas de relevância internacional. Recebeu o título de Patrimônio da Humanidade em 1980 conferido pela Unesco. A cidade atrai muitos turistas que querem conhecer a rica arquitetura barroca com casarões, museus, monumentos e igrejas que permite que o turista se sinta como se estivesse em uma cidade no século XVIII. Esse grande acervo, além dos belos edifícios barrocos, também carrega a história da cidade que conseqüentemente está ligada à história dos ouro-pretanos. Assim é possível supor que a relação entre ouro-pretano e os patrimônios seja íntima, próxima, afetuosa e de grande identificação, porém, não é assim que se estabeleceu a relação entre a comunidade e as riquezas da cidade, e é justamente isso que esta pesquisa se propõe a entender: Investigar como é a relação do ouro-pretano com os equipamentos turísticos da cidade de Ouro preto, qual a visão do ouro-pretano sobre o patrimônio, qual o grau de envolvimento com a atividade turística e como acontece e como é a relação com o turista. Esse estudo se faz necessário para entender patrimônio e o turismo sob a ótica do ouro-pretano. O estudo também é importante para aprofundar as discussões sobre pertencimento e valorização da comunidade. A partir de uma abordagem qualitativa e com o propósito descritivo exploratório, a presente pesquisa estudou a relação entre o morador de Ouro Preto e o envolvimento com os equipamentos turísticos e da cidade. Espera-se que a pesquisa possa fazer uma contribuição social e acadêmica aprofundando a discussão sobre o tema. Com o resultado, foi possível estabelecer que o ouropretano tem uma relação distante dos equipamentos turísticos da cidade, se sentindo pertencente ao seus respectivos bairros e não possuindo interesse em usufruir do espaço turístico da cidade. Essa falta de interesse existe devido à falta de ações voltadas para a comunidade que é peça central da cidade.

Palavras-chave: Ouro Preto-MG. Turismo. Moradores. Patrimônio. Identidade. História.

ABSTRACT

Ouro Preto is a national heritage because it is a little changed urban site and by the strong artistic expressions with international relevance. UNESCO gave this title for the city in 1980. Ouro Preto attracts many tourists who want to know the rich baroque's architecture with big houses, museums, monuments and churches there makes the visitors feel like they are in an 18th century's town. This big collection, beyond the baroque's buildings, also carry the city's history which is consequently linked with the population's history. Thus, it's possible to assume there the relationship between residents and assets is of great identification, however, this relationship won't be established by this way, and that's exactly what this research proposes to understand: investigate the relationship between the population and the Ouro Preto's touristic equipments; what is the residents' view about the assets? What is the degree of involvement with the tourist activity? and what is the relationship with the tourists? it's necessary this study to understand the tourism and the patrimony by the residents' view. Also, it's important to get deep the discussions about community belonging and appreciation. From a qualitative approach and with an exploratory descriptive purpose, this present research wants to study the relationship between the Ouro Preto's resident and the involvement with the city's touristic equipments. It's expected that the research can make a social and academic contribution, deepening the discussion on the theme. With the result, it was possible to establish that the Ouro Preto has a distant relationship with the tourist facilities of the city, feeling belonging to their respective neighborhoods and not having an interest in enjoying the tourist space of the city. This lack of interest exists due to the lack of actions aimed at the community that is the centerpiece of the city.

Keywords: Ouro Preto – MG. Tourism. Residents. Patrimony. Identity. History.

LISTAS DE FIGURAS

Figura 1: Mapa da localização de Ouro Preto/MG

Figura 2: Os diferentes caminhos da estrada real

Figura 3: Caravana dos modernistas em São João Del Rey/MG

Figura 4: Fotografia da capela de São Bartolomeu/MG

Figura 5: Produção Artesanal do doce de Goiaba em São Bartolomeu/MG

Figura 6: Fotografia da procissão do Cirio de Nazaré

Figura 7: Procissão atravessando os tapetes de serragens em Ouro Preto/MG

Figura 8: Vista do mirante do Morro São Sebastião/MG

Figura 9: Fotografia do centro histórico de Salvador

Figura 10: Praça Tiradentes em Ouro Preto/MG

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Gráfico de idade dos moradores

Gráfico 2: Gráfico de etnia dos moradores

Gráfico 3: Gráfico de gênero dos moradores

Gráfico 4: Gráfico de fatores que impediram os moradores de frequentarem espaços turísticos

Gráfico 5: Gráfico de visita dos entrevistados sobre o Museu da Inconfidência

Gráfico 6: Gráfico sobre idade dos participantes do formulário de turista

Gráfico 7: Gráfico de gênero dos turistas

Gráficos 8: Gráfico de etnia dos participantes de turistas

Gráfico 9: Gráfico sobre faixa salarial dos participantes do formulário de turistas

Gráfico 10: Gráfico sobre localização dos turistas

Gráfico 11: Gráfico sobre quantidades de vezes que os turistas visitaram a cidade

Gráfico 12: Gráfico sobre qual a motivação para visitar Ouro Preto/MG

LISTAS DE ABREVIATURAS E SIGLAS

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

SPHAN - Serviço de Patrimônio Histórico Artístico e Nacional

UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura.

OMT - Organização Mundial de Turismo

MTUR - Ministério do Turismo

COMTUR - Conselho Municipal de Turismo

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
2. PATRIMÔNIO CULTURAL E TURISMO EM OURO PRETO-MG	18
2.1 Ouro Preto: de cidade desorganizada e esquecida à Patrimônio da Humanidade	18
2.2 Patrimônio cultural e turismo: Exposições sobre os patrimônios culturais da cidade.	23
3. A ATIVIDADE TURÍSTICA EM OURO PRETO: OS LADOS POSITIVOS E NEGATIVOS DE UMA CIDADE PATRIMÔNIO.	31
3.1: As facetas da atividade turísticas: um olhar sobre o lado econômico e social da atividade.	31
3.2. Percepção da comunidade ouro-pretana com o patrimônio e turismo.....	36
4. TURISMO E PATRIMÔNIO EM OURO PRETO/MG, SOB A ÓTICA DO OURO- PRETANO	41
5. CONCLUSÃO	62
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	64
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	66
8. APÊNDICES	69
Apêndice 1: Questionário de perguntas aplicadas ao trade turístico	69

1. INTRODUÇÃO

Esse estudo buscou investigar como é a relação dos moradores de Ouro Preto-MG com os equipamentos turísticos da cidade. A inquietação para escrever esse estudo surgiu após um trabalho de campo realizado na cidade de Porto Seguro - BA, na qual foi realizada a aplicação de um questionário com os moradores de um bairro próximo a uma área turística da cidade. Durante a atividade foi possível perceber que muitos moradores não frequentavam os pontos turísticos da cidade, e que muitos nunca tinham ido à praia, que não era distante de suas residências. Observando os resultados sobre o comportamento dos porto-seguranses, surgiu a dúvida sobre a cidade de Ouro Preto, e se esse comportamento de não frequentar os atrativos também acontecia na cidade mineira.

Ouro Preto fica localizada na região central do estado de Minas Gerais, a cerca de 96 km de distância da capital Belo Horizonte. As cidades mais próximas são: Mariana, Itabirito, Ouro Branco, Conselheiro Lafaiete e Santa Bárbara. Possui aproximadamente setenta e quatro mil habitantes que são divididos entre a sede da cidade e os doze distritos que a cidade possui, com alguns também tendo o título de patrimônio, como é o caso de São Bartolomeu, que se localiza a dezoito quilômetros da sede e têm desde 2008 como patrimônio imaterial os doces de frutas, e desde 2014 como patrimônio imaterial de Ouro Preto a festa de São Bartolomeu e do Divino Espírito Santo.

Além disso, a cidade também faz parte da Estrada Real, que era o caminho utilizado no século XVII para levar ouro e diamantes de Minas Gerais até o litoral, terminando em Paraty-RJ. Posteriormente o caminho foi modificado, abrindo uma rota direta para o Rio de Janeiro, nomeando de caminho novo, e adicionando a cidade de Diamantina, chamando a rota de caminho dos Diamantes.

Figura 1: Mapa apontando onde está localizada a cidade de Ouro Preto.



Fonte: Viaje na Viagem.com

Mapa 2: Os diferentes caminhos da Estrada Real



Fonte: Instituto Estrada Real

Ouro Preto foi palco de diversos eventos marcantes para Minas Gerais. A cidade foi elevada para Vila, sendo nomeada como Vila em 1711, transformando os núcleos de Padre Faria, Antônio Dias, Ouro Preto e Ouro Podre, em Vila Rica de Albuquerque.

Em meio ao ápice de riqueza, Vila Rica se torna referência econômica no país e capital da capitania de Minas Gerais em 1720. A cidade cresceu tanto que além de atrair pessoas de todos os tipos para a região, também teve a maior população da América Latina na época, cerca de quarenta mil habitantes.

Vila Rica também se torna palco de um dos movimentos de maior relevância da história nacional contra a Coroa Portuguesa: A Inconfidência Mineira.

O movimento aconteceu em meados do século XVIII e foi consequência da insatisfação da elite econômica mineira com a cobrança excessiva de impostos pela Coroa Portuguesa. A partir da década de 1789 a Inconfidência ganha força e começa a tomar forma e se transformar em um movimento separatista que lutaria pela fundação de uma república no país. Contudo, o movimento não chegou a ser deflagrado, pois, antes mesmo de seu início o grupo foi denunciado, resultando na morte de diversos participantes, inclusive seu líder Tiradentes.

Vila Rica se manteve em constante crescimento até o final do século XVIII, quando foi elevada a cidade, em 1823, recebendo o nome de Ouro Preto e se tornando oficialmente capital da província de Minas Gerais, mantendo o título até 1891, quando a capital é transferida para Belo Horizonte com a justificativa de que a capital do Estado necessitava de uma cidade moderna, limpa e que refletisse o regime republicano que começava no país, contrário de tudo que Ouro Preto era considerada na época, pois, até sua arquitetura era um problema, já que de certa forma recordava o período colonial, o que era visto como inconveniente para uma capital, de acordo com Natal(2007).

Juntamente com a mudança de centro e com a queda expressiva da mineração, boa parte da população começa a abandonar a cidade em direção a Belo Horizonte ou outras regiões que estivessem em expansão e crescimento, diferente do que acontecia em Ouro Preto, pois, a perda do título de capital trouxe à cidade uma

onda de baixo número de investimentos, desemprego, má administração e pobreza que se estendeu aproximadamente até a segunda década do século XX.

A partir da década de 1920 pode-se considerar que Ouro Preto começa a ser redescoberta, e boa parte dessa nova forma de interpretação está ligada ao movimento modernista que teve seu início na semana de arte moderna de 1922. O movimento modernista tinha, entre outros objetivos, a busca e a valorização da identidade nacional.

O encantamento repentino dos modernistas por Minas Gerais, e especialmente por Ouro Preto fez com que a cidade alcançasse destaque nacional em pouco tempo, já que, além de ser usada como o modelo fiel da autenticidade do Brasil, a cidade também era lembrada constantemente pelos modernistas em suas obras. FRANCO (2015)

Em 1938, Ouro Preto foi uma das primeiras cidades brasileiras tombada pela primeira pela IPHAN, e em 1980 se tornou a primeira cidade do Brasil a se tornar Patrimônio Cultural da Humanidade, título dado pela UNESCO. Além disso, foi reconhecida como monumento nacional em 1933 BASÍLIO (2017)

Dessa forma, Ouro Preto se torna mundialmente conhecida pelos traçados urbanos que se manteve intacto, pelas ladeiras, travessas e becos que despertam a curiosidade de todos que a conhecem. Contudo, a parte central da cidade, que trabalha no trade turístico e que possui uma bagagem enriquecedora do local, não demonstra ter uma relação afetiva com os equipamentos turísticos.

Isso porque, o ouro-pretano que nasceu e tem suas raízes na cidade não se sente acolhidos em espaços que são entendidos como espaços para turistas. Os museus, as igrejas, os casarões são patrimônios da cidade, espaços que trazem a história que deveria estar extremamente ligada com o morador, porém não é isso que acontece. Muitos moradores que são nascidos e criados na cidade não sentem ligação nenhuma com esses patrimônios, e até tratam esses espaços como “a Ouro Preto”, (Estevão Rezende e Azevedo 2020) como se o lugar que vivem, os respectivos bairros, fossem outra cidade. Isso retrata a enorme falta de identificação do autóctone com os patrimônios, e isso vai além de se sentir dono, também mostra como a história

de Ouro Preto deixou de ser transmitida e manifestada, história essa que vai além dos conflitos, da Coroa Portuguesa e da disputa por ouro, seria a que trata da construção, das lutas, dos personagens que constituíram a Ouro Preto que é conhecida hoje.

A lacuna de vínculo entre moradores e patrimônio pode ser percebida, por exemplo, pela baixa visitação dos moradores nos atrativos turísticos, como é o caso do Museu da Inconfidência que é o museu mais famoso da cidade e que a adesão dos moradores é muito baixa, pois, muitas vezes a única visita feita por eles é quando são crianças e visitam com a escola. Brusadin (2011. p 11) aponta que: “(...) em termos quantitativos, é possível perceber um número ainda incipiente da participação da população local ao longo dos anos”.

A justificativa deste trabalho se dá por alguns motivos: A primeira surgiu a partir da experiência pessoal da autora por ter morado na cidade de Ouro Preto por cerca de três anos e ter tido a percepção de que os ouropretanos não frequentavam determinados espaços turísticos. Já a segunda, se dá também pelo interesse pessoal de entender como é a relação dos moradores com os patrimônios históricos e culturais da cidade.

E por fim, esclarecer a curiosidade que surgiu após a aplicação de um questionário em uma visita técnica.

Foram feitas algumas perguntas no início deste projeto que direcionam essa pesquisa, são elas: por que existe a percepção de que os moradores não se apropriam dos patrimônios? Por que isto acontece? Se realmente não existe apropriação, como os moradores se sentem com isto? Quais as possíveis soluções? E porque existe a percepção de que os ouro-pretanos se sentem menos pertencentes à cidade do que os moradores que estão na cidade para trabalho ou estudo?

Este trabalho teve como objetivo geral investigar como é a relação dos ouropretanos com os equipamentos turísticos da cidade de Ouro Preto -MG. Como objetivo específico o estudo se propôs a (1) entender como é a relação ouro-pretano com a atividade turística; (2) Analisar como é a atividade turística no município, sob a ótica do poder público e do trade turístico; (3) Investigar como é a percepção dos turistas em relação aos patrimônios e o contato que tiveram com o morador.

Esta pesquisa é de caráter qualitativo, descritivo e exploratório. Assim sendo, a pesquisa qualitativa é capaz de identificar e analisar dados que não são apresentados por estatísticas, mas sim demonstrando o ponto de vista dos entrevistados. Esse tipo de estudo visa apresentar o mundo “lá fora” e entender, analisar e descrever os fenômenos sociais de diversas formas como: analisando as experiências sociais; identificando comunicações e interações que estejam se desenvolvendo e analisando documentos (GIBBIS, 2008)

Descritiva é a pesquisa que busca descrever um fenômeno ou uma situação, registrando, observando e analisando sem se aprofundar. Esse modelo de pesquisa é usado quando o pesquisador tem a intenção de conhecer a comunidade, cultura ou movimento (PEDROSO, et. al 2018) e exploratória é o modelo de pesquisa que tem por objetivo o refinamento dos dados e o apuro e desenvolvimento das hipóteses, fazendo que a pesquisa seja mais fiel com a realidade, o que permite também que o pesquisador veja a realidade como é, e não como ele pensa. (PIOVESAN E TEMPORINI ,1995).

Essa pesquisa também fez levantamento bibliográficos que tratam do assunto apropriação/pertencimento de moradores com os patrimônios em Ouro Preto.

Para atingir o objetivo I foi feita a aplicação de formulários com questões abertas e de múltipla escolha, sendo as de múltipla escolha a grande maioria. O formulário foi aplicado em quatro bairros da cidade de Ouro Preto sendo eles: Vila Aparecida, Antônio Dias, Alto da Cruz e Santa Efigênia. O método escolhido foi bola de neve e de forma aleatória. A duração da aplicação foi de duas horas em cada bairro.

O público-alvo foi moradores que residem na cidade desde o nascimento que tenham entre 18 e 70 anos.

Para o objetivo II foi realizada entrevista com dois representantes do trade turístico da cidade e um do poder público. Para a entrevista o método usado foi o questionário semiestruturado que mescla questões preestabelecidas e questões que surgem no decorrer da entrevista, essa técnica deixa a entrevista com um tom mais informal deixando o entrevistado mais à vontade. (BONI E QUARESMA, 2005)

Para atingir o objetivo III foram usadas referências bibliográficas juntamente com os resultados do formulário que foi aplicado via WhatsApp. O formulário contou com perguntas relacionadas em como o bem-estar dos moradores em relação aos atrativos é importante para o turismo. todas as questões do formulário foram de múltipla escolha, com o objetivo de atingir mais participantes, pois, o tempo de resposta seria mais rápido e o formulário não seria extenso.

O estudo foi estruturado em três capítulos, com foco na Cidade de Ouro Preto/MG, mas trazendo também outras localidades como comparativo para a análise da relação morador, turismo e patrimônio como Tiradentes/MG e outras exemplificando os impactos causados pela atividade, como Salvador/BA e Rio de Janeiro/RJ.

O primeiro capítulo faz uma abordagem da linha tempo da cidade de Ouro Preto, desde quando se tornou Vila Rica até receber o título de Patrimônio da Humanidade em 1980, trazendo no segundo subcapítulo o conceito de patrimônio e turismo cultural, fazendo uma abordagem mais profunda na vertente do turismo gastronômico e turismo religioso, pois, ambos têm bastante força no município. O Capítulo dois faz uma abordagem sobre os impactos positivos e negativos da atividade, além de tratar também sobre a percepção da comunidade com o patrimônio e o turismo. O capítulo três faz uma análise sobre a pesquisa realizada com os moradores de Ouro preto, com as entrevistadas aplicadas ao trade e ao poder público e ao questionário aplicado de forma virtual com os turistas.

2. PATRIMÔNIO CULTURAL E TURISMO EM OURO PRETO-MG

Quando evocamos a palavra patrimônio diversos significados são trazidos a nossa memória, talvez o mais frequente seja o patrimônio nos termos jurídicos que significa herança familiar, bens ou posses. O patrimônio econômico também é sempre lembrado, já que constantemente é usado nos noticiários quando o assunto é finanças ou economia. Apesar disso, quando se fala de patrimônio além dos termos jurídicos e econômicos, patrimônio pode ser entendido por bens materiais e imateriais como edifícios, monumentos, danças, crenças e tradições que por ter uma relevância em determinada comunidade e por isso são preservados, ou como afirma (VOGT, 2008, p.14)

“Entende-se por patrimônio cultural o conjunto de todos os bens materiais ou imateriais, que, pelo seu valor intrínseco, são considerados de interesse e de relevância para a permanência e a identificação da cultura da humanidade, de uma nação, de um grupo étnico ou de um grupo social específico.”

Contudo, um significado importante que pode ser atribuído ao patrimônio cultural é o de identidade, de laço e de história que carrega uma carga de importância para a comunidade onde está o patrimônio, ou mesmo para o país, como é o caso por exemplo da cidade de Ouro Preto que contém uma bagagem histórica de extrema relevância nacional e regional.

Portanto, esse capítulo irá tratar bastante sobre patrimônio e suas intersecções, com foco no primeiro subcapítulo para a cidade de Ouro Preto, que é Patrimônio Cultural da Humanidade, e como este trabalho trata sobre a cidade, se fez necessário apontar e analisar os patrimônios da cidade e o turismo cultural, além de traçar uma breve linha do tempo sobre a evolução de Ouro Preto até se tornar Patrimônio na década de 1980.

Além disso, nesse capítulo serão abordados conceitos, definições acerca do patrimônio e do turismo cultural, que é uma vertente que é extremamente íntima e indissociável com o patrimônio.

2.1 Ouro Preto: de cidade desorganizada e esquecida à Patrimônio da Humanidade

A mineira Ouro Preto é peça importante deste trabalho, por isso, trata como

importante refazer o trajeto da cidade desde o que podemos chamar de fase do esquecimento após ter perdido o título de capital de Minas Gerais, no século XIX, até se tornar conhecida por ser a primeira cidade brasileira a receber o título de Patrimônio Cultural da Humanidade pela Unesco. Iniciaremos a apresentação regressando ao final do século XIX. Neste subcapítulo não será necessário nos aprofundarmos na história da construção da cidade, o objetivo é tratar sobre como Ouro Preto se tornou patrimônio e uma das cidades turísticas mais importantes do país.

Vila Rica, primeiro nome dado a Ouro Preto era considerada uma cidade populosa, mas que foi esvaziada em dois momentos. O primeiro quando houve o declínio da extração de minério, o que fez com que boa parte da população fosse liberada para procurar outra fonte de renda, e a segunda quando a cidade perdeu o status de capital em 1897, o que foi justificada pelo fato de que a capital do estado precisava ser uma cidade moderna, como relata Villaschi (2017), Ouro Preto não era vista como uma cidade moderna, como afirma (NATAL, 2007, p. 5)

“A cidade era vista, então, como decadente, desorganizada, desordenada, suja, imprópria aos desígnios de uma capital, e por isso deveria passar por reformas substanciais para permanecer como centro político-administrativo de Minas Gerais.

Desde sua arquitetura, infraestrutura e saneamento, em todos os quesitos a cidade era vista como antiga e ultrapassada. Era considerado essencial a realização de uma reforma para que o município continuasse com o status de capital. Além disso, Vila Rica também era vista como símbolo incontestável do regime imperial que estava tendo fim no país, segundo Julião (2011).

A cidade teve grande expressão para o regime, recebendo até mesmo o título de Cidade Imperial, concedido por D. Pedro I. Essa ligação com o antigo regime também era um ponto negativo para a imagem de Ouro Preto, já que com a chegada da República era preciso abandonar o passado, e assim, a capital deveria representar a modernidade e o novo regime do Brasil.

Entre os anos que antecederam a troca de capital houve tentativas ferrenhas para que a capital permanecesse em Ouro Preto, mesmo com a construção de Belo Horizonte já em andamento.

Em meio ao descontentamento pela transferência de capital por parte da elite mineira, surge o plano de modernização de Ouro Preto, uma ação para que a cidade

fosse reformulada, mas mantendo sua história e memória. A modernização não teve muita adesão, já que grande maioria das forças políticas desejavam que a capital fosse transferida imediatamente para Belo Horizonte. Em 1897, acontece a inauguração da cidade de Belo Horizonte, que recebe o título de capital de Minas Gerais. Com isso, Ouro Preto inicia um processo de esquecimento e declínio econômico, pois, além de enfrentar uma séria crise econômica, o município também enfrentava a perda considerável de sua população que migrou para a nova capital ou para outras regiões que estavam em crescimento e expansão, situação oposta ao que acontecia em Ouro Preto, a cidade que era cheia estava vazia:

“Com a transferência da capital para Belo Horizonte, a 12 de dezembro de 1897, sofreu Ouro Preto na sua cidadania político-social e histórica, como na vida comercial e doméstica, o profundo abalo que era de se esperar. Como bem previram os ardorosos antimudancistas, em inflamados protestos no Congresso extraordinário de Barbacena e nos jornais da época, – Costa Sena, Xavier da Veiga, Camilo de Brito, Rocha Lagoa, Diogo de Vasconcellos e outros – destronada a invicta cidade do seu império, com suas ruas desertas, seu casario solitário e seus bairros adormecidos, nada mais lhe restou que a glória dos seus monumentos veneráveis e das suas tradições seculares”. (VASCONCELLOS, 1957, p. 133 apud NATAL, 2011, p. 69)

Durante esses anos, os casarões e igrejas que no plano de modernização deveriam ser conservados foram totalmente esquecidos, a cidade que precisava ser reformulada, no começo do século XX precisava de manutenção e preservação. Ouro Preto atravessa um período de esquecimento, esquecimento político, cívico e econômico que só piorava a desastrosa situação que a cidade vivenciava. Essa situação de abandono acaba sendo benéfica para Ouro Preto, pois de certa forma o acervo arquitetônico da cidade se manteve intacto.

A cidade que até então estava fadada a ser esquecida começa a se reerguer, aproximadamente na década de 20, apoiada no movimento que buscava valorizar e preservar a memória do Brasil: O movimento modernista. O encantamento repentino dos modernistas por Minas Gerais, e especialmente por Ouro Preto fez com que a cidade alcançasse destaque nacional em pouco tempo, já que, além de ser usada como o modelo fiel da autenticidade do Brasil, a cidade também era lembrada constantemente pelos modernistas em suas obras.

Em 1924, após a Semana de Arte Moderna de 1922, que foi o ponto inicial para o movimento modernista no Brasil, os artistas Oswald de Andrade, Mário de Andrade

e Tarsila do Amaral fizeram uma visita a Minas Gerais, passando por Belo Horizonte, Tiradentes, São João Del Rey e Ouro Preto com a intenção de buscar as características legítimas brasileiras para que fossem associadas ao passado como uma ideia de recuperação da tradição que estava sendo perdida, de acordo com Assumpção e Castro (2019).

Figura 3: Caravana dos modernistas em São João Del Rey, em 1924.



Fonte: Estado de Minas (2022)

Além disso, era importante reviver a vocação artística e cultural da cidade, revalorizando a arte barroca e trazendo à tona as obras do mestre Aleijadinho como afirma Sandoval et.al (2009).

Dessa forma, Ouro Preto se torna peça central desse movimento, pois além de ter sido uma das cidades mais importantes nos tempos coloniais devido a exploração aurífera, também traz eventos importantes como a Inconfidência Mineira que foi a maior revolta contra a Coroa Portuguesa, motivada pela insatisfação da elite mineira pela cobrança excessiva de impostos.

Todos esses atributos associados com a preservação da cidade, que para a época era algo surpreendente devido ao grande movimento de modernização das

idades, que aconteciam no país todo, como exemplo da cidade do Rio de Janeiro, que passou por uma reformulação que ampliou ruas, demoliu casarões, construiu praças e expulsou os moradores da área central, o que também pode ser entendido como um típico processo de gentrificação, fez com que Ouro Preto se tornasse algo semelhante a um símbolo peculiar da memória brasileira, como confirma (ASSUMPÇÃO e CASTRAL, 2019 p.4)

“A cidade simbolizaria, então, as peculiaridades de uma memória coletiva. A relação com seu passado se altera: o que era para ser esquecido passa a ser valorizado. A cidade deve contar sua história por meio das edificações, monumentos e ruas”.

Assim, a cidade mineira abandona o estereótipo de desorganizada, esquecida e ultrapassada, que deveria ser transformada para que pudesse prosperar para um ícone que deveria ser preservado, mas que ainda se encontrava abandonada devido ao contexto pós mudança de capital.

O movimento modernista abriu portas para as políticas preservacionistas e recolocou cidades esquecidas de volta ao centro da discussão, Ouro Preto foi uma, se não a mais beneficiada com esse movimento. Logo após ter sido redescoberta e impulsionada pelo movimento modernista surgem, na década de 30, ações importantes para a preservação e valorização de Ouro Preto.

Em 1931 o prefeito João Batista Ferreira Velloso proibiu construções que alterassem a imagem colonial da cidade. E em 1933, Ouro Preto é declarada Monumento Nacional pelo SPHAN e tombada em 1938. Essa ação de registrar Ouro Preto no livro do Tombo de Belas Artes foi de grande importância para que voltassem os olhares para a preservação dos monumentos nacionais, contudo, vale ressaltar que a forma como a cidade foi registrada foi reformulada algum tempo depois, devido a ter sido descrita apenas como um sítio arqueológico preservado, ignorando o dinamismo da cidade, que foi acrescentado anos depois, de acordo com Sandoval et.al (2009).

Com as atenções que o movimento trouxe para Ouro Preto, a cidade começou a crescer e em 1969 foi fundada a Universidade Federal de Ouro Preto, unindo a Escola de Farmácia (1839) e a Escola de Minas de Ouro Preto (1876). Esse período trouxe preocupações relacionadas ao patrimônio, pois, a cidade estava passando pelo

momento de maior crescimento desde o auge da exploração aurífera, com empresas se instalando e com o número de residentes na cidade aumentando, foi necessário um grande esforço do poder público para que o patrimônio da cidade se mantivesse intacto.

Em 1980 Ouro Preto foi nomeada como Patrimônio Cultural da Humanidade pela UNESCO, com a justificativa de ter um acervo arquitetônico inigualável e ter se mantido preservado durante séculos, e pela importância histórica que a cidade carrega. Ademais, o título de patrimônio não é apenas uma forma de status que a cidade recebe sem ter que assumir qualquer compromisso, como afirma a UNESCO *“existem medidas adotadas para preservá-los e também esforços realizados para aumentar o conhecimento e, conseqüentemente, o interesse do público pelo patrimônio cultural e natural.”*

Assim sendo, o Estado fica responsável por manter o patrimônio preservado e por estimular ações que incentivem a proximidade da população com o objeto tombado. Contudo, em 2003, quase vinte e cinco anos após receber o título de Patrimônio da Humanidade, Ouro Preto foi alertada sobre o risco de perder o título devido ao não cumprimento das diretrizes impostas pelo Unesco.

De acordo com Sandoval et.al (2009) o sinal de alarde que despertou a preocupação da Unesco foi: a destruição do chafariz da Igreja matriz Nossa senhora do Pilar e o incêndio em um casarão no centro da cidade. Ouro Preto felizmente não perdeu o título e muito menos foi adicionada à lista de patrimônios que estão em risco, contudo, serviu de alerta para que as políticas de preservação fossem seguidas de forma rígida até os dias atuais, pois, ainda existem diversos problemas relacionados a mudança em casarões e imóveis tombados, demonstrando o quanto ainda é necessário ações que incentivem a preservação e a valorização do bem tombado.

2.2 Patrimônio cultural e turismo: Exposições sobre os patrimônios culturais da cidade.

Primeiramente, antes de entrarmos na análise sobre turismo cultural e a relação com o patrimônio cultural cabe uma breve apresentação do conceito de turismo e turismo cultural que serão abordados nesta subcapítulo.

É possível dizer que a história do surgimento do turismo pode ter sido iniciada pela excursão de Thomas Cook, em meados do século XVIII, que foi realizada na Inglaterra com a finalidade de levar um grupo de cerca de quinhentas pessoas a um encontro de alcoólicos anônimos em Leicester (SOUSA COLANTUONO, 2015). Essa foi considerada a primeira viagem de longa escala da história do turismo. Ademais, anterior ao feito do Thomas Cook, já havia os Grand tours, que eram as viagens que os nobres realizavam para outros países para aprimorar seus estudos, e anterior aos *grands tour* havia as viagens em buscas de especiarias no oriente médio.

Fato é que certamente sempre foi feito turismo, seja para estudos, saúde ou negócios, mas o nome dado a esse fenômeno, a expansão do turismo de lazer e os estudos sobre a conceitualização foram aprimorados depois do final da primeira guerra mundial (1914-1918) como disserta BENI (1998) e foram sendo discutidas e tendo maior ênfase com o final da segunda guerra mundial (1939-1945) quando houve uma explosão do turismo de massa, devido a necessidade de ter uma fuga da vida e do cotidiano.

Esse conceito de viajar para fugir da realidade foi mantido e teve muita força até aproximadamente a década 1980, quando os turistas se preocupavam apenas em encontrar um refúgio de suas demandas, sem se preocupar com o local que estavam viajando. Esse fenômeno com o passar dos anos foi ganhando outras vertentes, como o turismo de experiência que é a contramão do turismo de massa, pois, é uma forma de fazer turismo se preocupando com o bem-estar local e buscando se envolver com o destino, seja com a comunidade local ou mesmo buscando conhecer a história do atrativo, ou de forma mais simples, indo além apenas do descanso e da contemplação dos atrativos.

Com o turismo ganhando força e crescendo no mundo todo, surgiram diversos estudos e conceitos para a atividade, que não são lineares e que possuem diversas interpretações, seja mercadológica ou acadêmica. Para a Organização Mundial do Turismo (OMT), por exemplo, o turismo pode ser definido em uma atividade de quem viaja ou permanece em um ambiente que não o seu próprio, por mais de um dia e menos de um ano.

Contudo, para alguns autores como Tribe, 1997, p. 691 *apud* Kohler e Durand,

2007, p. 186 “o turismo é o conjunto dos fenômenos e das relações que emergem da interação em regiões emissoras e receptoras de turistas, empresas fornecedoras, órgãos de governo, comunidades e ambientes” ou como trata Beccho e Prentice, 1997 *apud* Kohler e Durand , 2007 p. 186 que o turismo é baseado essencialmente em experiências intangíveis , a partir de fantasias e interpretações e que cada experiência será sentida de forma diferente por cada turista, mesmo que visite o mesmo lugar no mesmo instante.

Ademais, o turismo possui diversas vertentes, como o turismo rural, ecoturismo, ecoturismo, turismo cultural e tantas outras que não iremos nos aprofundar neste capítulo, discutiremos então uma das peças-chaves desse trabalho, que é o turismo cultural.

A relação de turismo e cultural é indissociável, cultura pode ser definida como as tradições, a língua e o comportamento de determinado grupo social, assim sendo, a partir dos primeiros registros de atividades turísticas a cultura foi um dos fatores principais, desde os *grand tours* até os dias atuais.

O turismo cultural é definido pelo MTUR, por exemplo:

“A definição de turismo cultural está relacionada à motivação do turista, especificamente de vivenciar o patrimônio histórico e cultural e determinados eventos culturais, de modo a preservar a integridade desses bens. Vivenciar implica, essencialmente, em duas formas de relação do turista com a cultura ou algum aspecto cultural: a primeira refere-se ao conhecimento, aqui entendido como a busca em aprender e entender o objeto da visita; a segunda corresponde a experiências participativas, contemplativas e de entretenimento, que ocorrem em função do objeto de visita”. (Ministério do Turismo, 2005, p. 14)

No âmbito do turismo cultural existem alguns recortes que são bastante praticados em Ouro Preto/ MG. Trataremos do turismo gastronômico e religioso apenas como uma forma de apontar as vertentes do turismo cultural, evidentemente que na cidade são praticadas outras modalidades de turismo cultural, usaremos o exemplo da Festa da Goiaba no distrito de São Bartolomeu e a Semana Santa, como foco na produção dos tapetes de serragens pois, ambos são patrimônios municipais da cidade de Ouro Preto.

A Festa da Goiaba que acontece no distrito de São Bartolomeu que fica a aproximadamente 15 km da sede da cidade, conta com cerca de 800 habitantes e é

uma vila que esbanja atrativos naturais com uma variedade de cachoeiras e atrativos históricos como a Igreja Matriz e a capela de São Bartolomeu. Contudo, o distrito se tornou famoso pela produção dos doces caseiros.

Figura 4: Fotografia da capela de São Bartolomeu e à esquerda igreja Matriz de São Bartolomeu.



Fonte: Correio de Minas (2021)

A produção de doces artesanais que é transmitida de geração em geração há cerca de duzentos anos no distrito de Ouro Preto, recebeu o selo patrimônio imaterial municipal em 2008, pelo modo de fazer que ultrapassa gerações.

A festa tem o intuito de celebrar o ciclo da goiaba, desde o plantio até a colheita. A celebração é de grande importância para a comunidade local, pois, além de trazer turistas para a cidade, movimentando a economia com a venda dos doces e aumentando a renda da população que em grande parte se sustenta com a comercialização dos doces, a festa também valoriza a comunidade local, que possui uma grande identidade com a produção dos doces, segundo Delabrina e Carvalho (2018).

O turismo gastronômico nada mais é do que a prática de apreciar a comida local, entendendo como a culinária influencia no destino turístico. Essa tendência desperta a curiosidade muitas vezes sem que saibamos que estamos praticando turismo, poucas são as pessoas que podem dizer que nunca tiveram o desejo de viajar para algum país que possua um forte turismo gastronômico apenas pela curiosidade

de conhecer a culinária local, como é a França ou China, por exemplo. Além disso, o turismo gastronômico é de bastante importância para a atividade turística, pois é dessa forma que muitos turistas terão contato com o patrimônio cultural, possibilitando também que os visitantes possam ter contato com a comunidade local e com o modo de preparo dos pratos.

Figura 5: Produção Artesanal do doce de goiaba em São Bartolomeu- MG



Fonte: Portal Sou Notícia (2019)

Outra vertente do turismo cultural, que sempre foi praticado no Brasil é o turismo religioso, que em grande maioria é praticado pelos católicos, que no país já chegou a ser maioria absoluta na década de 1980 de acordo com Alves et.al (2017), mas que segundo o último censo (2010) aponta que esse número diminuiu e que metade da população seguia o catolicismo. Esse grande número de católicos pode ser explicado pela chegada de missionários que acompanhavam os colonizadores no século XVI, que obrigaram os indígenas a aprender a religião e impediram que eles pudessem exercer suas tradições, assim o catolicismo está enraizado na cultura brasileira, um ritual forte que é transmitido desde então.

Com esse grande número de brasileiros católicos não seria surpresa que os

destinos mais famosos fossem dessa matriz, assim sendo os mais famosos são Belém do Pará, com a festa do Círio de Nazaré que se tornou tão grande que passou a ser considerada Patrimônio Cultural da Humanidade pela UNESCO , Aparecida em São Paulo, que reúne fiéis do Brasil todo para celebrar Nossa Senhora Aparecida, e em Juazeiro do Norte, no Ceará, as comemorações são em homenagens ao Padre Cícero, considerado santo por milhares de fiéis por ter operado milhares no município.

Figura 6: Fotografia da procissão do Círio de Nazaré em Belém, em 2019.



Fonte: Correio Braziliense (2019)

Evidentemente o Brasil não é formado por uma população formada apenas por cristãos, com um número menor, mas em destaque perante outras, as religiões afro-brasileiras como umbanda e candomblé e espíritas também possuem grande expressão no turismo religioso. Exemplificando pode-se facilmente ser lembrada da festa de Cosme Damião, tradição das religiões afro-brasileiras que acontece nos terreiros de Umbanda e Candomblé e que pode durar cerca de um mês, e na religião espírita um exemplo é o memorial ao médium Francisco Xavier, que morou na cidade de Uberaba/MG, o local recebe milhares de turistas todos os anos.

Ainda em Minas Gerais, mas partindo para outra vertente do turismo cultural podemos nos lembrar da cidade de São Thomé das Letras, que recebe milhares de

turistas que buscam um encontro com a espiritualidade, com o meio ambiente, fuga rotina e outras atividades ligadas ao místico esotérico segundo Bordonal e Souza (2017) e que é conhecido por suas cavernas, grutas e cachoeiras, que são bastante procurados por quem busca tranquilidade para entrar em contato com a espiritualidade e realizar rituais místicos.

Trazendo essa vertente para Ouro Preto, pode-se fácil exemplificar a relação do turismo religioso na cidade, no caso a Semana Santa que acontece no mês de abril, como um dos meses com mais movimento na cidade. A cidade é conhecida pelos tapetes de serragem feitos por fiéis que atravessam as ruas na procissão da Páscoa.

Figura 7: Procissão atravessando o tapete de serragens em Ouro Preto-MG



Fonte: Turismo Ouro Preto-MG (2020)

Na semana que para os católicos é a data de celebração da vida, morte e ressurreição de Jesus Cristo, que segue a tradição de se manter em jejum e é um dia reservado para orações, para os turistas que buscam passar a semana santa em Ouro Preto, a concepção do que fazer no dia santo não tem a mesma concepção.

Ouro Preto é conhecida por ser uma cidade alegre, festiva e boêmia, muito pela grande quantidade de repúblicas, mas também por ter muitos bares e restaurantes espalhados pela cidade.

Por que então buscar uma cidade alegre justamente na semana que seria entendida como uma semana para descanso e encontro com a espiritualidade? Como já foi dito neste subcapítulo, turismo e cultura são indissociáveis, não existe um sem o outro, e em boa parte dos casos o turista busca o destino motivado pela cultura que o lugar oferece.

Em Ouro Preto, na semana santa, podemos identificar que o desejo do turista não é celebrar a paixão de Cristo, mas sim ter contato com uma experiência cultural, algo que desperte seu interesse e que seja novidade, seja com a intenção de experienciar a semana santa, mas também conhecer a cidade e os outros atrativos que ela proporciona, como afirma (BRANDÃO 2001, apud SILVEIRA, 2007, p. 45)

[...] em Ouro Preto, significa vivê-las como uma "rara experiência de cultura": Dificilmente estarão imbuídos dos sentimentos de pesar e dor que a igreja codifica e prescreve [...] Se, para os devotos do lugar, a festa vale como culto, E o sinal dele é a dor; para o turista, o culto vale como festa, e o símbolo dela é a alegria da rara novidade. Deixarão de comer carne, fazer jejum [...] e evitar as delícias do sexo na "Sexta-Feira Santa"? [...] Não faltarão jovens, e, para eles, os bares e outros locais coletivos de alegria e "curtição" terão de permanecer abertos. (BRANDÃO, 2001, apud SILVEIRA, 2007, p.45)

A relação entre patrimônio cultural e turismo é visível, a busca dos turistas pelas igrejas, museus, festas, comidas e manifestações apontam como existe uma apropriação dos patrimônios pela atividade turística. Sabe-se que essa apropriação é feita, por muitas vezes, de forma rude e repentina sem qualquer planejamento, causando diversas consequências no local, como a mudança do espaço geográfico construindo e destruindo espaços da cidade para que haja uma acomodação do *trade* turístico, o que causa o processo de gentrificação – uma alteração da dinâmica local que conseqüentemente causa a expulsão da população por diversos motivos, como custo de vida alto ou mesmo a mudança no convívio social.

Esse processo pode ser visto em diversas cidades turísticas, como Tiradentes-MG ou Veneza na Itália, que passam pelo processo de expulsão dos moradores do centro turísticos, porém, na cidade italiana o processo é ainda mais grave, pois não acontece apenas em uma região da cidade, mas nela toda. Em Ouro preto, felizmente esse processo não acontece, a comunidade ainda faz parte do centro turístico e principalmente da Praça Tiradentes que é o ponto central da cidade, tanto para moradores como para turistas, essa fruição garante uma relação amigável entre cidadãos e visitantes.

3. A ATIVIDADE TURÍSTICA EM OURO PRETO: OS LADOS POSITIVOS E NEGATIVOS DE UMA CIDADE PATRIMÔNIO.

O presente capítulo trata sobre a atividade turística e os impactos positivos e negativos do turismo na cidade de Ouro Preto. Evidente que não se pode tratar apenas do lado econômico da atividade sem mencionar o lado social e todos os desdobramentos que acontecem por consequências desses viés.

3.1: As facetas da atividade turísticas: um olhar sobre o lado econômico e social da atividade.

A atividade turística envolve pessoas e espaços e não é difícil perceber que esse movimento causa efeitos positivos e negativos nos ambientes que a atividade acontece. Da mesma forma que temos a percepção dos impactos causados pela atividade, como aumento de renda, empregabilidade, melhoria da infraestrutura, e visibilidade do local, também temos a percepção dos impactos visuais, que por diversas vezes são percebidos antes dos benefícios citados anteriormente.

“É necessário compreender que a sociedade é a principal responsável pelo sucesso do turismo, principalmente quando ele ocorre em espaços habitados (cidades históricas, circuito de fazendas, etc)” (XAVIER, 2006, p.5)

As mudanças nas paisagens e na arquitetura, que causam impacto visual, podem ser exemplificadas quando nos deparamos, por exemplo, com um casarão com uma pintura destoante, ou a construção no entorno dos centros históricos, por exemplo. Como no caso de Ouro Preto, que do centro histórico é possível enxergar as construções nas áreas montanhosas da cidade, que se pode dizer que a população fez suas casas ali por falta de espaço em outras áreas da cidade, já a área tombada da cidade é extensa.

Pereira (2022) cita acerca do crescimento demográfico em torno do centro histórico:

“O crescimento demográfico desordenado das casas em volta do centro histórico de Ouro Preto deixa a paisagem desfigurada, causando uma degradação visual, comprometendo a imagem da cidade, mas esse crescimento desordenado não acontece por acaso, infelizmente são os únicos lugares onde os moradores encontraram para construir suas moradias...” (PEREIRA, 2002, p.32)

Outro exemplo é o centro histórico de Salvador- BA, cidade que também possui uma importância histórica imensurável, pela notabilidade econômica trazida pela

exploração de açúcar no período colonial, juntamente com o título de ter sido a primeira capital do país e pela forte identidade cultural da cidade.

O centro histórico é inscrito no Livro de Tombo Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico em 1984, no ano seguinte recebeu o título de Patrimônio da Humanidade pela UNESCO (IPHAN, 2022) pelas construções arquitetônicas do século XIV e XIX e que segundo o Instituto é um exemplar do urbanismo ultramarino português pelos limites da cidade e pela organização visual em que a parte administrativa se encontrava na parte alta enquanto o comércio se localizava junto ao porto.

Figura 8: Vista do mirante do Morro São Sebastião (2018)



Fonte: Arquivos pessoais da autora.

Em ambos os espaços, nota-se que a atividade turística se intensificou de forma gradual, tornando esses espaços, grandes locais para representação do turismo. Quando nos deparamos com referências de centros históricos no campo do turismo, é válido se questionar quanto as demais facetas que podem permear o mesmo espaço.

Há a existência de um paradoxo na atividade turística. É notado que o sucesso do turismo em determinada localidade se dá majoritariamente por sua ascensão

econômica, deixando aquém a perspectiva social e cultural. Compreende-se que, o turismo, com esse conjunto de atividade e seus impactos (positivos e negativos), deve ao máximo minimizar este tipo de choque (XAVIER, 2006).

Figura 9: Centro Histórico de Salvador



Fonte: Google (2022)

O turismo, sendo um fenômeno coletivo que afeta seu entorno, não possui capacidade de influenciar uma comunidade sozinho, mas sim, os interesses individuais daqueles o gerem que dão sentido à atividade e o pensamento da população como um todo (XAVIER, 2006).

Corroborando com esta proposição, Campos Oliveira (2005) comenta que:

“A adoção de uma percepção majoritariamente mercadológica da atividade por investidores e, mais preocupante, pelo próprio poder público, tem promovido diversos impactos negativos às localidades onde o turismo se desenvolve. Até mesmo os efeitos positivos, nesse contexto, podem ser questionados.”

Além disso, a atividade turística produz uma gama imensa de resíduos dado o alto fluxo de pessoas em determinada localidade. Isto, conseqüentemente, impacta de forma significativa no cotidiano dos moradores, que continuam vivenciando a localidade, mesmo após a partida dos viajantes. (MACHADO; ALVES, 2013)

“O turismo, inevitavelmente, produz resíduos sólidos e efluentes orgânicos, esgotos, e a má disposição dos mesmos é um sério problema para a comunidade anfitriã. A piora nos serviços urbanos em datas de grande fluxo de visitação – como as deficiências nos sistemas de saneamento, escassez e poluição da água, superlotação nas vias públicas e no sistema hoteleiro.” (MACHADO; ALVES, 2013, p.565).

Xavier (2006) complementa que:

“A inserção da atividade turística é muito importante para uma determinada localidade. Porém, a atenção é extremamente pouca em relação as eventuais repercussões negativas, sendo quase ou totalmente voltada apenas para o lucro. E quando o turismo chega "invadindo" a localidade, usufruindo de todos os bens existentes sem se preocupar com a sustentabilidade e com o cotidiano dos moradores locais, depois que já houver saturado toda a região, a euforia e planos iniciais darão lugar ao vazio e à desilusão” (XAVIER, 2006, p. 3).

Nota-se, por meio da afirmação de Xavier (2006), que por mais que seja importante a inserção da atividade turística para o desenvolvimento econômico local, é relevante também considerar e preocupar-se com a sustentabilidade do cotidiano. Pois, após houver alcançado todas as expectativas econômicas e consequente, esgotado todos os recursos limitados da região, sobrarão apenas as consequências negativas que cairão sob aqueles que vivenciam diariamente a localidade.

Em pesquisa realizada por Machado e Alves (2013), com objetivo de compreender o Turismo na cidade de Ouro Preto - MG na perspectiva dos moradores, foi notado que parte dos moradores haviam criado certa expectativa em relação à proposta do turismo como solução dos problemas mais básicos, como, por exemplo, a falta de emprego. Todavia, 55% da amostra deste estudo informou que não havia exercido atividade remunerada no campo do turismo. De todo modo, ainda foi reconhecido que houve benefícios em relação às melhorias na infraestrutura, aumento de projetos educativos etc.

Desse modo, é importante ressaltar que um planejamento adequado àquela realidade cuja inserção se almeja, contribua de forma positiva tanto no aspecto macro quanto em seu aspecto micro, evitando a descaracterização da sociedade.

“Lembrando também que o planejamento é essencial para que a atividade turística possa atingir os objetivos, implícitos ou explícitos, do desenvolvimento de uma localidade. O desenvolvimento turístico, por ser uma atividade que envolve diversos setores e por causar relevantes impactos

ambientais, sociais e econômicos, requer um planejamento considerável para ser bem-sucedido e sustentável” (MACHADO; ALVES, 2013, p.564).

“Por isso é importante ressaltar a importância de um bom planejamento turístico que trata de forma séria a ir garantir a população e sua cultura uma segurança quanto à preservação, continuidade de renda e cuidados com o meio em que vive” (XAVIER, 2006, p. 5).

É possível observar a falta de um bom planejamento, quando a sociedade fica cada vez mais exposta aos impactos da atividade. Muitas vezes, a falta de valorização da área com baixos salários, destruição de recursos naturais e culturais, possibilita um impacto social enorme onde a população local se torna refém da atividade, sendo vistos apenas como mão de obra, muitas vezes desqualificada. (XAVIER, 2006) e não preparada adequadamente (MACHADO; ALVES, 2013).

“Pois muitos centros turísticos ao invés de investirem primeiramente na saúde e educação, ou seja, em infraestrutura básica, preferem investir em infraestrutura turística, deixando assim a população ociosa. Só que quando o turismo não é planejado e de repente termina naquela localidade, estes equipamentos se tornam “desnecessários”, prejudicando a própria população” (XAVIER, 2006, p. 5).

Quando o turismo se torna a principal fonte de renda de determinada sociedade, seja ela local, regional, ou nacional, é necessário que a população una forças e cooperem entre si para buscar possibilidades mais sustentáveis. Para não ocorrer o que Krippendorf (2000, p.71) afirmou há pouco mais de vinte anos e ainda é um impacto negativo recorrente.

“A voz da população local continua praticamente inaudível. Mesmo nas regiões fortemente desenvolvidas com tradição turística, é muito raro que a população local possa exprimir claramente a sua opinião (...) Nas montanhas Suíças, por exemplo, os habitantes das localidades turísticas aprenderam a viver com o turismo. Eles têm necessidade desses meses que se estendem entre as épocas de alta e baixa estação para se refazerem do turismo, para restabelecer o contato com os vizinhos e amigos da aldeia e reencontrar o espírito comunitário.”

O investimento em educação para a população local é indispensável. Mesmo que do ponto de vista mercadológico, a exclusão da população local seja mais lucrativa, tendo como predominante o ponto de vista do investidor (CAMPOS OLIVEIRA, 2003).

“Os habitantes das áreas “descobertas” pelo turismo não são, assim, considerados agentes da transformação de suas localidades em destinos turísticos de prestígio no ranking nacional e especialmente internacional, tendo em vista suas desvantagens econômicas e despreparo para a atividade. Tal responsabilidade, em geral, é relegada, até mesmo nas

estratégias do poder público, a outros investidores, com maior qualificação e poder capital" (CAMPOS OLIVEIRA, 2003, p. 7)

Aprender a maneira ideal de se receber um turista sem abdicar de suas características socioculturais é a possibilidade mais rentável e sustentável para ambos os lados. É necessário que ocorra um esforço tanto dos gestores quanto dos moradores nessa situação (XAVIER, 2006).

Por outro lado, este mesmo trabalho realizado com a população deve ser aplicado aos turistas em suas ações, por isso torna-se de extrema relevância pontuar a importância dos pontos de turismo nas entradas dos grandes centros de atividade turística, pois assim é possível instruir através de um "guia de boas práticas", como o turista deve se portar de forma consciente e respeitosa naquela região dado que pode ocorrer dos turistas tratarem de forma desrespeitosa o morador/trabalhador.

“Junto ao trabalho com a população é importante também realizar o mesmo trabalho com o próprio turista, conscientizando-o de que deve respeitar o lugar em que visita e afastando dele a visão equivocada de que ele "pode tudo" no núcleo receptor apenas porque está consumindo.” (XAVIER, 2006, p.6)

“Quanto aos problemas relacionados ao Turismo, foi possível observar certa irritação dos moradores com relação a determinadas atitudes dos visitantes. Foram relatadas reclamações acerca da depredação do patrimônio e também da abordagem hostil dos guias de turismo locais.” (MACHADO; ALVES, 2013, p.565)

Além disso, é possível notar que a falta de gestores formados no campo do turismo inviabiliza a criação de bons projetos, dado que o profissional no campo do turismo possui uma visão ampla e completa de toda a complexidade que o campo abarca, sendo o mesmo interdisciplinar que requer uma perspectiva horizontal. Sendo assim "*é fundamental que os planejadores estejam bem-preparados e busquem sempre contato com as diferentes áreas que envolvem o turismo*" (XAVIER, 2006, p. 5).

3.2. Percepção da comunidade ouro-pretana com o patrimônio e turismo

Pensar no turismo, sem considerar seus desdobramentos no âmbito social e cultural, pode ser uma decisão com impactos irreversíveis. Assim como, pode também

ocasionar em grandes perdas do patrimônio, e sua relação com a comunidade local. Assim, pode-se dizer que o turismo é:

“... atividade que incentiva a visitação de determinada localidade, gerando necessidades para que a visita ocorra, sendo estas necessidades principalmente relacionadas a prestação de serviços e ao consumo. A visita ao local deve ser agradável e instrutiva, ou preferencialmente educativa. Por sua característica multidisciplinar torna-se de difícil entendimento, principalmente para não especialistas, a cadeia produtiva gerada por esta atividade, que inclusive pode chegar a atingir cerca de 52 setores da economia” (TRIGUEIRO, 2008, p.7)

Figura 10: Praça Tiradentes, Ouro Preto - MG.



Fonte: o.dirce | Flickr ([2022](#))

Apesar de possuir baixo custo de investimento quando comparado com outros segmentos econômicos, a atividade turística gera efeitos multiplicados tanto positivos quanto negativos. Embora auxilie na reafirmação da cultura local aos visitantes, a atividade de forma predatória pode afastar os moradores, tornando-os não pertencentes àquele local mais. (CAMPOS OLIVEIRA, 2003; CRUZ, 2018)

A relação da comunidade do município de Ouro Preto - MG com seu patrimônio e a atividade turística não é muito diferente de outras regiões com grande fluxo desse segmento. Da mesma forma que os moradores veem pontos positivos nessa relação, eles também sentam demasiadamente os impactos negativos dessa relação sem equilíbrio mútuo.

“Eles reconhecem as melhorias sociais e econômicas da localidade, mas ainda mantêm uma relação estética, nostálgica e afetiva com o passado. Um passado local, ainda não desvinculado da história da cidade e das noções patrimoniais e identitárias elaboradas a partir da década de 1930 sobre Ouro Preto” (PIRES, 2016, p.23)

Em estudo realizado por MACHADO e ALVES (2013), foi notado que a ideia defendida por Krippendorf em 1989 em relação à manifestação da população local em integrar-se com visitantes foi, de certa forma, contraposta na localidade de Ouro Preto, pois:

“apesar de declararem não exercer, de forma regular e habitual, atividades financeiras relacionadas diretamente ao turismo, a maioria dos entrevistados demonstrou ver como benéfica à presença dos turistas na cidade (71%). Porém, uma parcela significativa (15%) informou nunca ter tido contato com algum turista e 14% manifestaram apatia e indiferença à presença dos visitantes, relatando que a presença dos turistas não fazia diferença para eles, o que demonstra que essa interação proposta nem sempre ocorre” (MACHADO; ALVES, 2013, p.563).

De certa forma, os moradores notam que a presença da atividade turística coloca as autoridades locais a agirem em relação ao planejamento e infraestrutura da cidade, bem como esperam que possam ter possibilidades para geração de renda e de incentivo à profissionalização. Entretanto, "na prática, isso nem sempre ocorre" (MACHADO; ALVES, 2013, p.563)

“os benefícios obtidos e as melhorias observadas na comunidade que pudessem estar relacionadas de alguma forma ao turismo, os entrevistados citaram ter notado melhorias na infraestrutura (calçamento das ruas, melhorias na iluminação pública, transporte regular, dentre outras), aumento de projetos educativos (como os de educação ambiental, cultural e patrimonial), e aumento na oferta de empregos, pois o turismo acaba por se tornar uma alternativa econômica para as comunidades locais, embora os mesmos tenham mencionado acreditar que a comunidade não foi e não estava sendo preparada adequadamente para receber os turistas e oferecer serviços de qualidade (22%)” (MACHADO; ALVES, 2013, p.564).

Apesar de haver benefícios e melhorias devido à presença da atividade turística, há também, o sentimento de exclusão e falta de pertencimento por causa das práticas dessa atividade também permeiam visões de outros moradores. Este fato não exclui o valor atribuído ao patrimônio existente na cidade de Ouro Preto, entretanto, não se colocam como parte daquela história.

“O que percebemos é que muitos moradores, apesar de reconhecerem a importância dos monumentos históricos de Ouro Preto, não se sentem parte daquela história, daquele passado. Isso não significa dizer que eles não se apropriam dessas noções, ainda que de forma indireta” (PIRES, 2016,p.22)

Ademais, nota-se que a presença dos moradores no centro histórico da cidade se dá para resolução de questões do cotidiano, como ir ao banco, acessar serviços específicos e resolver pendências burocráticas etc., dado que a maior parte destas atividades se encontram na região central da cidade.

“Havia um diálogo, uma troca (desigual) de produções culturais e de espaços sociais, mas não havia uma necessidade de ir ao centro para praticar nenhum tipo de sociabilidade. O centro está representado no imaginário dos moradores como um lugar de serviços e burocracias, e não como um espaço cultural central na vida desses habitantes de Saramenha... “(PIRES, 2016, p.22)

Os bairros periféricos, como estudado por Trigueiro (2008), Machado e Alves (2013) e Pires (2016) demonstram como os moradores se sentem em relação à atividade e suas percepções sobre. Trigueiro (2008), nota que os moradores recebem com certa estranheza a respeito da atividade de forma desordenada da localidade. Todavia, é válido pontuar que a atividade não ocorre apenas no centro histórico da cidade de Ouro Preto, possibilitando aos moradores dos demais bairros, estruturarem um perfil para seu potencial turista.

“A percepção de alguns moradores em relação ao turismo não condiz com a realidade. Temos que a atividade turística não é somente a que ocorre no centro histórico de Ouro Preto, as comunidades periféricas, tais como a estudada, também podem se organizar para o turismo, principalmente definindo o perfil de seu turista e/ou do tipo de turismo que quer para si, ao decidir por atividades que desempenhará em função de sua potencialidade” (TRIGUEIRO, 2008, p.8)

Por outro lado, foi pontuado também por Trigueiro (2008) a centralização de serviços básicos nas regiões centrais da cidade, impossibilitando e dificultando a

relação da comunidade com a atividade, como a redução de segurança, gerando maior aumento na criminalidade local.

“Observa-se também que houve uma diminuição da segurança e da tranquilidade, ocorrendo roubos e violência, não tão comuns anteriormente. Em outras situações o morador reconhece o valor potencial da localidade porque indica ao visitante, porém não valoriza o que possui, por não visitar estes locais. Em questões apontam diretrizes incipientes para que seja feito o planejamento turístico local...” (TRIGUEIRO, 2008, p.8)

Em suma, há um embate complexo na relação da comunidade ouro-pretana com o patrimônio e a atividade turística, dado que por mais que haja pontos positivos em relação à infraestrutura da cidade, possibilidade de recursos e oportunidades de empregos etc, há também, por outro lado, esquecimento e banalização dos bairros mais periféricos da cidade, falta de incentivo à educação para população local, e a elaboração de ações em conjunto com a comunidade para que a mesma se sinta parte do processo, e não um meio.

4. TURISMO E PATRIMÔNIO EM OURO PRETO/MG, SOB A ÓTICA DO OURO-PRETANO

Ouro Preto é uma cidade que desperta a curiosidade de turistas do mundo todo, em boa parte o fluxo de pessoas que passam pela cidade é motivado pelo desejo de conhecer as obras arquitetônicas que são o motivo pelo qual a cidade recebeu o título de patrimônio da humanidade pela UNESCO. As fachadas, igrejas e casarões guardam a história da construção da cidade e do estado Minas Gerais, além de proporcionar uma proximidade com os fatos históricos que ocorreram na cidade, como a Inconfidência Mineira, o ápice da exploração de minérios pela Coroa Portuguesa e as revoltas regionais.

Além disso, com toda a construção histórica de Ouro Preto, também é possível perceber a população que foi criada a partir da mistura de povos que estiveram pela região. Desde os povos originários, indígenas que foram expropriados da região devido a exploração de ouro que começava na região, passando pelos negros escravizados que vinham de todas as partes do continente africano, os bandeirantes paulistas e até mesmo pessoas que vieram para a região a trabalho ou em busca de conquistar uma vida melhor pela exploração das riquezas do local. Pode-se perceber que a população de Ouro Preto foi construída por todos esses povos que passaram pelo local, e que de certa forma, a ligação que tem entre eles é que todos de alguma maneira sofreram algum processo de expropriação, seja moral, de bens ou mesmo sendo expulsos de sua terra. João Vilaschi (2014) comenta sobre o processo de expropriação que a população sofreu desde quando Ouro Preto ainda era somente uma vila, e como esse processo afeta ainda nos dias de hoje a população local, que tem uma dificuldade em criar laços com o espaço que vivem.

“Até mesmo a população permanente, nascida e ou criada na cidade, apresenta alto grau de desconhecimento de seu legado cultural, seja pela educação formal precária sobre a história local oferecida pela rede de ensino, seja pela não construção ou desconstrução do sentimento de pertencimento sociocultural. Os processos de ocupação precária do território patrimonialidade e a falta de identificação com as referências históricas consagradas também desempenham papel importante nesta análise. Ocorre que, como explicitado anteriormente, a população de Ouro Preto, além de ter sofrido expropriação sistemática de seus valores e riquezas, foi radicalmente substituída em dois períodos históricos singulares do século XIX, que representaram importantes forças centrífugas desagregadoras e desestruturantes da cultura local.” (VILASCHI, 2014, p.252)

Fato é, que em Ouro Preto houve um processo de afastamento demográfico entre a população, periférica da cidade, com a região central da cidade, o que pode ter ocasionado também a dificuldade do morador de reconhecer que Ouro Preto, toda a cidade também deve ser apropriada por ele.

A criação de bairros afastados do centro pode ter acontecido devido a dificuldade da população nativa em se manter no centro, pois, com a atividade turística em ascensão o centro histórico se tornou uma área supervalorizada, com aluguéis altos, que dificilmente seria possível para uma família conseguir manter. O que costumamos ver são as ruas nas imediações do centro ocupadas por hotéis, comércios e repúblicas estudantis.

Assim como outras cidades turísticas como o Rio de Janeiro, a população criou seus espaços em volta do espaço, que para muitos, é destinado aos turistas. Alguns bairros que podemos usar como exemplo é Santa Efigênia, Alto da Cruz e Vila Aparecida, que são bairros populosos e antigos, mas que aparenta haver um distanciamento ou mesmo, um estranhamento entre o centro histórico e os respectivos bairros.

Pode-se dizer que a parcela segregada da população não vivencia Ouro Preto da mesma forma que os turistas e/ou pessoas que vêm para a cidade motivadas pelo trabalho ou estudos, e que permanecem na cidade por pouco tempo. Assim, pelo distanciamento demográfico, o sentimento de pertencimento, a criação de vínculo não existe, o morador distante do centro histórico entende que aquele espaço não é para ele, não o pertence e assim não há apropriação.

Contudo, não é apenas a distância física que parece impedir com que haja interação entre morador e cidade. No texto de Estevão Rezende e Azevedo (2020) uma fala de uma entrevistada chama a atenção quando diz que não precisa mais ir a Ouro Preto para fazer alguma atividade cotidiana, como pagamento de contas ou alguma compra, pois, agora consegue fazer tudo em seu bairro. Outra fala do mesmo texto também chama atenção quando uma jovem diz que, o bairro é o seu lugar devido a toda a família ter sido criada ali, desde seus avós.

Nas duas falas é possível perceber que não existe uma ligação entre a cidade de Ouro Preto e o bairro, pois, as duas entrevistas tratam as outras áreas da cidade como se não fizesse parte do mesmo município que seus bairros.

Em o direito a cidade, Lefebvre pontua que a cidade é um espaço para encontro e não desencontro, é isso que se espera, que a população possa desfrutar da cidade, participando dos espaços, não apenas como uma ferramenta de construção da cidade, mas sim, como peça fundamental da identidade do local.

Para esse trabalho foi proposto três objetivos específicos que foram tratados de formas diferentes no trabalho de campo. O primeiro objetivo foi “entender como é relação do ouro-pretano com o turismo”; O segundo objetivo tratou acerca da atividade turística no município, por fim o último objetivo trouxe a percepção do turista “investigar como é a relação do turista na cidade de Ouro Preto: relação com moradores e bem-estar”.

Para atingir o primeiro objetivo foi utilizado de trabalho de campo, durante duas semanas com questionário semiestruturado aplicado com ouro-pretanos. para o segundo objetivo foram realizadas pesquisas com três pessoas, duas que trabalham no trade turístico, um agente e um da rede hoteleira e a última pessoa uma representante do poder público. As entrevistas aconteceram de forma online por meio do *Google Meet*, também com um questionário semiestruturado. Para o último objetivo foi utilizado a ferramenta *Google Forms*, o questionário foi estruturado e aplicado de forma online utilizando as plataformas WhatsApp, Facebook e enviando para grupos de amigos para que atingisse um maior número de respostas. O questionário direcionado para turistas permaneceu aceitando respostas por 22 dias, no mês de agosto de 2022.

Para o questionário foram elaboradas perguntas relacionadas à percepção dos moradores em relação à atividade turística e sobre o comportamento da população ouro-pretana em relação às práticas de lazer associadas aos atrativos e eventos de turismo que acontecem na cidade. O questionário foi aplicado em quatro bairros da cidade, com duração de duas horas de permanência em cada bairro, em ordem de aplicação os bairros foram: Vila Aparecida, Antônio Dias, Alto da Cruz e Santa Efigênia.

O trabalho de campo foi realizado nestes bairros por se tratar de bairros tradicionais da cidade, com um menor apelo turístico e pela percepção de que nesses bairros encontrassem moradores residentes na cidade há anos e ouro-pretanos, pois, não são bairros conhecidos por abrigar a comunidade universitária e nem moradores temporários da cidade.

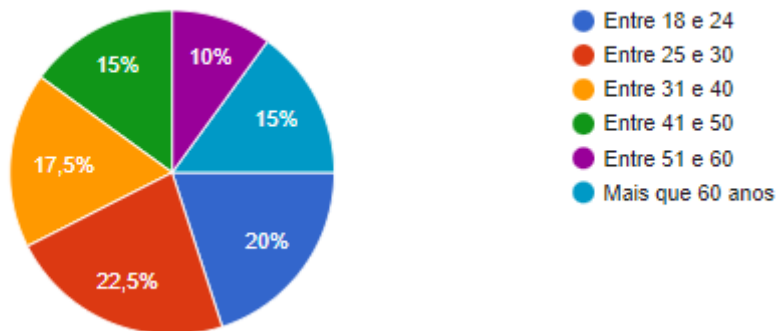
A duração da aplicação do questionário foi escolhida pela autora por acreditar que os resultados seriam melhores se a aplicação fosse definida de forma homogênea em todos os bairros.

Para a construção do questionário foram utilizadas referências bibliográficas e inquietações da autora que nortearam desde o início a elaboração desse trabalho. Os entrevistados foram escolhidos de forma aleatória e usando o método bola de neve, que consiste em entrevistar uma pessoa que o pesquisador conhece e esta pessoa indica outra pessoa e assim por diante.

Foi realizado um pré-teste antes da aplicação do questionário para entender se a formulação das perguntas estava de acordo com o que a pesquisadora desejava, e também se o questionário era de fácil entendimento para que não houvesse confusão no momento da aplicação, assim, foi possível observar que algumas perguntas precisavam de modificação, como a linguagem, pois, também era um desejo da autora que o morador se sentisse à vontade e tranquilo na entrevista, por isso entendeu-se que seria mais adequado a linguagem informal para melhor interação dos participantes.

O questionário foi analisado usando a ferramenta *Google Forms*, que contava com quatorze perguntas fechadas, sendo elas quatro perguntas sobre aspectos da vida escolar e aspectos econômicos da vida do entrevistado, a identificação dos participantes foi anônima, contando apenas com idade (1), gênero(2) e etnia(3) como mostram os gráficos a seguir:

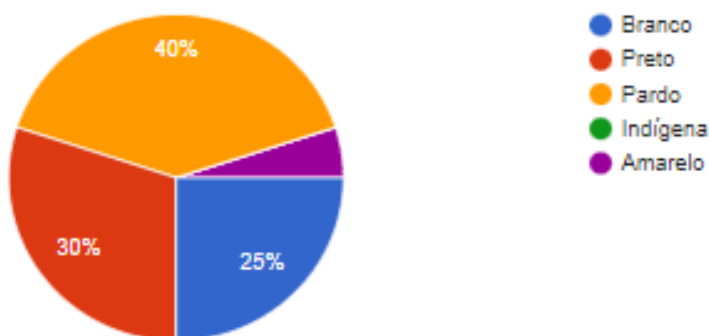
Gráfico 1: Gráfico de idade



Fonte: elaboração da autora (2022)

Em relação ao gráfico 1 pode-se notar que não houve uma grande diferença entre as faixas etárias propostas na metodologia na pesquisa, que propunha entrevistar os moradores entre 18 a 70 anos.

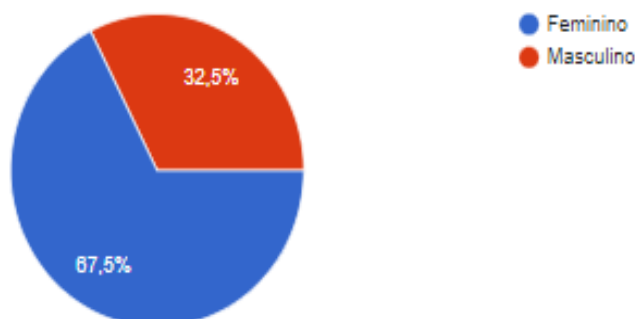
Gráfico 2: Gráfico de etnia



Fonte: Elaboração da autora (2022)

O segundo gráfico apontou que a maioria dos entrevistados se consideram pardos (40%), 30% se consideram pretos, 25% brancos e 5% brancos. A amostragem do último censo aponta que 70% da população se autodeclara como preta (IBGE, 2010). O terceiro gráfico aponta uma grande diferença de gênero entre homens e mulheres que participaram da pesquisa.

Gráfico 3: Gênero



Fonte: Elaboração da autora (2022)

É possível afirmar que a aplicação do questionário teve bons resultados quantitativos e qualitativos para essa pesquisa. Com bastante interação nos quatro bairros foi possível entender um pouco o turismo sob a ótica dos ouro-pretanos. Além disso, ao longo da realização do trabalho de campo foi possível a pesquisadora perceber que, nos quatro bairros existem moradores com visões distintas da atividade, como por exemplo, nos bairros mais próximos do centro histórico a adesão às atividades turísticas na cidade é muito maior que em bairros distantes.

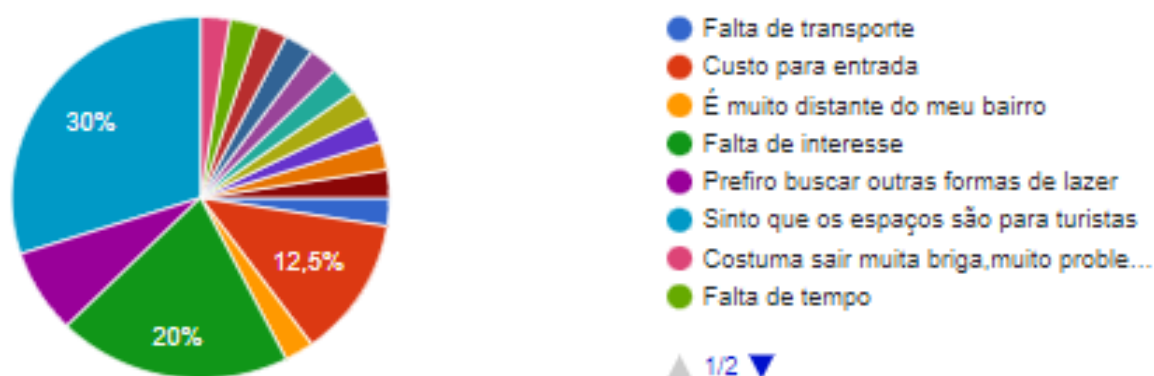
Contudo, a primeira pergunta que era relacionada sobre a participação e visita dos moradores em atrativos e eventos que acontecem na cidade aponta que mais da metade dos entrevistados não visita ou frequenta os espaços turísticos. A pergunta feita foi *“Você costuma frequentar espaços/eventos turísticos em Ouro Preto? Se sim, qual/quais?”*

Cerca de 52,2% dos entrevistados responderam que não frequentam os espaços ou eventos que acontecem na cidade. Logo em seguida dessa questão, foi perguntado *“Em uma escala de 1 a 5 o quanto você se sente confortável para frequentar os espaços turísticos da cidade? Sendo 1 totalmente desconfortável e 5 totalmente confortável.”* Cerca de 35% responderam que se sentiam totalmente confortáveis para frequentar e 25% responderam que se sentiam totalmente desconfortáveis com a proposta de usar esses espaços para o lazer. Essa era uma

pergunta fechada, contudo, era aberto um espaço ao morador caso quisesse comentar algo ao final do questionário, e uma das respostas que me chamou a atenção foi a seguinte: *"não muito acredito que há um leve estranhamento perante o tratamento diferenciado aos moradores e turistas"*.

Esse foi um comentário feito por diversos moradores que apontavam que sentiam que existia uma diferenciação entre ouro-pretanos e turistas, mas que não sabiam explicar como esse processo se dava. Essa percepção dos moradores foi demonstrada na questão 89 gráfico 4) do questionário, que perguntava *"Qual das opções abaixo já te impediu de frequentar espaços/eventos em Ouro Preto?"* As opções levantadas pela autora foram baseadas em referências bibliográficas e inquietações trazidas de debates em aulas e vivências pessoais na cidade.

Gráfico 4: Fatores que impediram os moradores de frequentarem espaços turísticos



Fonte: Elaborado pela autora (2022)

Além disso, a questão seguinte do questionário trouxe bastantes esclarecimentos que podem ser atrelados a esse impedimento que 30% dos entrevistados apontaram sentir. A questão nove era uma pergunta aberta, o que permitiu que os entrevistados falassem bastante sob a ótica de cada um o que faltava para o turismo ser mais atrativo para o ouro-pretano, algumas respostas se repetiram bastante como a de divulgação:

"Promoção da prefeitura" (Entrevistado 15)
"Divulgação e ter mais promoção para ouropretanos." (Entrevistado 26)
"Falta políticas de inclusão para os ouropretanos
Falta divulgação para os moradores" (Entrevistado 29)

“Mais ações da prefeitura, a prefeitura se comunicar mais com os ouropretanos e pensar em formas de eventos que incluam os moradores até mesmo para ter mais valorização.” (Entrevistado 37)

Durante essa pergunta foi possível perceber que os moradores reclamavam bastante sobre ficar sabendo dos eventos apenas quando estavam acontecendo por meio de redes sociais de amigos e por conversas em seus respectivos bairros, nenhum canal de comunicação direto com o morador, o que deixou claro que causava uma chateação e descontentamento dos moradores. Essa afirmação da população entrevista em relação a divulgação do que acontece na cidade causa a impressão de não serem acolhidos nesses espaços, pois não é demonstrado que exista uma recepção positiva da presença desses moradores nos eventos.

Outra questão bastante comentada nessa pergunta foi a de preço de consumo e de acesso aos atrativos e principalmente aos eventos que ocorrem na cidade.

“Custo. Tudo muito caro” (Entrevistado 17)

*“Alguns eventos não têm preços acessíveis para os moradores.”
(Entrevistado 18)*

“Ter oportunidade pra os ouropretanos, com preços mais baratos na entrada e na consumação.” (Entrevistado 20)

“Eventos gratuitos para os ouropretanos.” (Entrevistado 24)

“Custo. O valor das atrações é caro.” (Entrevistado 32)

“Benefícios para moradores pois não temos as mesmas condições dos turistas” (Entrevistado 22)

Essa questão foi bastante comentada pelos moradores se tratando de shows recentes que aconteceram na cidade e eventos tradicionais que acontecem todo ano. A questão de consumo e preço é constantemente discutida no turismo e não é exclusiva de Ouro Preto, sabemos que na maioria das cidades turísticas os preços dos produtos e dos serviços são caros, além disso, diversos destinos turísticos também são conhecidos por serem extremamente caros como Fernando de Noronha (PE), Prado (BA) e Jericoacoara (CE). a semelhança entre esses três destinos é que ambos se encontram no litoral nordestino do país, conhecido por ter belas praias.

Um exemplo de cidade histórica que também representa um destino caro é Tiradentes, também em Minas Gerais. Outras opiniões também chamaram atenção como:

*“Falta descentralizar o turismo. Só um lado da cidade é assistido”.
(Entrevistado 29)*

*“Convivência de morador com turista.
Turistas acham que são donos das cidades.” (entrevistado 27)*

“Mais eventos diversos que atraiam os ouropretanos trazendo o que gostam. Sempre são os mesmos eventos. Não sinto vontade de frequentar.” (Entrevistado 31)

“Valorização dos ouro-pretanos. Mostrar que o espaço nos pertence” (entrevistado 3)

‘Respeito com os moradores. Exemplo: não fechar praças, ou espaços no centro pq atrapalham o morador.’ (Entrevistado 8)

A questão seguinte era sobre a visita ao Museu da Inconfidência, que é sem dúvida um dos cartões postais mais conhecidos de Ouro Preto, e um dos museus mais famosos devido a localização, arquitetura e história.

Devido a sua imponência diversos autores já trataram sobre a visita baixa da população de Ouro Preto ao museu, como Brusadin (2011) que comenta que a visita dos moradores ao Museu é incipiente e Rezende e Azevedo (2017) que apontam que a visita ao Museu da Inconfidência é feita pelos moradores apenas na idade escolar.

Durante a aplicação do questionário foi possível confirmar o que esses dois autores discutem.

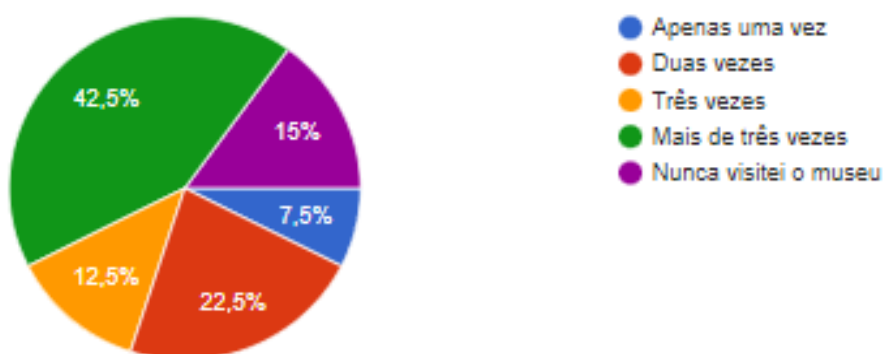
O ouropretano já visitou o museu sim, contudo enquanto estava em idade escolar, e o número de visita frequente é baixo. Ao fazer essa pergunta a reação de muitos foi “já visitei o museu quando era criança” ou “já visitei muito com meus filhos”. Porém, um número representativo de moradores disse que nunca foi ao Museu, e outros que disseram já ter visitado dizem não ter vontade de voltar ao atrativo.

Nas quatro perguntas finais foram abordados o planejamento da atividade turística na visão do ouro-pretano, o fluxo de turistas na cidade, a relação com o turismo e se o morador já teve vínculo empregatício com estabelecimentos que prestam serviços diretamente para o turismo.

Na pergunta número 10 *“De 1 a 5, quanto você acredita que a atividade turística é planejada para envolver o ouro-pretano como uma peça importante para a realização do turismo?”* A resposta foi que quase metade dos entrevistados acreditam que a atividade turística não é planejada para envolver a população. Durante as respostas, houve algumas reações que foram percebidas pela pesquisadora, que

pode ser explicada como se a pergunta já trouxesse uma resposta explícita do ponto de vista coletivo dos moradores. Foi possível ter a percepção que ao final dessa pergunta a maioria dos entrevistados tiveram a mesma reação, levando em consideração a fisionomia e as falas, como se a resposta trouxesse um sentimento geral dos ouro-pretanos.

Gráfico 5: Visitação dos entrevistados ao Museu da Inconfidência



Fonte: Elaboração da autora (2022)

A pergunta seguinte carrega um pouco da curiosidade da pesquisadora por morar em Ouro preto e perceber que muitas pessoas que trabalham nos restaurantes, meios de hospedagens, lojas de souvenirs, transportes e todos os outros serviços que englobam o trade turístico são ouro-pretanas. Além disso, também baseada em autores que discutiram o tema sob a ótica do ouro-pretano como SANTOS (2019) que levanta a questão de o morador trabalhar no trade e ser peça fundamental para a atividade, mas não ser acolhido como visitante.

A pergunta foi "você já trabalhou/trabalha em algum estabelecimento que presta diretamente serviços turísticos? (Hotéis, pousadas, restaurantes, bares, agências, empresas de transporte...) Se sim, qual?" A resposta foi que a grande maioria nunca trabalhou no trade, contudo, existe uma parcela menor dos entrevistados que disseram já ter trabalhado no trade turístico, em restaurantes, meios de hospedagem, lojas de lembrancinhas, artesanatos e joalherias.

As duas últimas perguntas foram sobre o fluxo de turistas na cidade de Ouro Preto.

Não é de hoje que conhecemos os problemas que o fluxo intenso de turistas causa impactos nas cidades no mundo inteiro. Em Veneza, na Itália, cidade conhecida por não ter estradas, apenas canais que cortam a cidade e pelos palácios de séculos passados é um exemplo de cidade que sofre com o fluxo de turistas. A cidade já teve seus moradores expulsos das regiões centrais e seus edifícios sofrem com problemas estruturais graves, já que, diariamente chegam a Veneza navios com milhares de turistas, o que causa modificações na cidade já que ela não foi pensada para receber meios de transportes dessa proporção. (BRITO PANAZZOLO, 2005)

A cidade já teve seus moradores expulsos das regiões centrais e seus edifícios sofrem com problemas estruturais graves, já que, diariamente chegam a Veneza navios com milhares de turistas, o que causa modificações na cidade já que ela não foi construída para receber meios de transportes dessa proporção e não tem estrutura e nem forma de melhorar essa situação, já que a cidade conta com um território pequeno formado por diversas ilhas.

Em Ouro Preto não é diferente, a cidade não tem uma sazonalidade, recebe turistas o ano inteiro, todo ano. A cidade mineira, assim como Veneza e tantas outras cidades históricas, também não foi planejada para receber grande número de transportes, uma cidade do século XVIII não tem ruas largas, estacionamentos, nem prédios que suportem grandes fluxos. Além dos problemas estruturais que sabemos que a atividade turística, quando não bem gerida, pode trazer a uma cidade, também existe o incômodo que a movimentação de pessoas pode trazer para quem mora no local.

Nas respostas não houve muita diferença entre quem se incomoda e quem não sente qualquer incômodo em relação ao fluxo de turistas. Contudo, a maioria dos entrevistados, 32% dizem que em uma escala de 1 a 5 o incômodo causado pelo fluxo de turistas é quase irrelevante. Nessa pergunta também houve comentários de que o maior incômodo é o trânsito, o fechamento de ruas e que não há como quem mora em Ouro Preto se sentir incomodado com o fluxo de turistas, pois, é o que traz renda para a cidade.

A última pergunta do questionário foi a seguinte “*Como você avaliaria o contato com o turista em Ouro Preto?*” a resposta poderia variar em uma escala de 1 a 5, sendo 1 muito ruim e 5 muito bom. Esta foi uma pergunta que se deu a partir da leitura de textos relacionados ao turismo na cidade de Ouro Preto e em outras localidades, e também surgiu a partir da elaboração de outras perguntas, como a anterior, pois foi considerado importante saber qual a relação entre ouro-pretano e turista, e também ao contrário, o que foi tratado no questionário para os turistas.

A resposta assim como a anterior também teve os dois extremos, muito ruim e muito bom bem próximos, o que pode apontar que a boa ou má relação pode se dar a partir do contato direto com o turista ou o não contato, como pode ser observado em alguns bairros como Alto da Cruz e Vila Aparecida, os entrevistados desses bairros disseram, em linhas gerais, que como não há contato com os turistas não tem do que reclamar ou como avaliar. Isso pode reafirmar a queixa dos moradores na questão 5, e também a interpretação de que o turismo em Ouro Preto é centralizado, que se não vai ao centro histórico não existe relação com o turismo, ou com turistas.

Essa reflexão aponta que em diversas cidades existem várias camadas de Ouro Preto. Para as entrevistas foram elaboradas questões acerca da visão dos entrevistados sobre planejamento, relação do ouro-pretano e turismo e lazer para quem mora na cidade. Contudo, por ser um roteiro semiestruturado surgiram outros questionamentos durante a entrevista, como comportamento do turista na cidade, a atividade turística como fonte de renda e questionamentos sobre ações do poder público.

As entrevistas foram de forma remota de acordo com a disponibilidade de cada entrevistado e por escolha deles. A primeira entrevista foi realizada dia 09/08 via *Google Meet*: a segunda entrevista também por *Google Meet* foi realizada dia 11/08 e a última entrevista aconteceu dia 22/08 pela mesma plataforma das anteriores. Foi enviado aos entrevistados o termo de consentimento onde se explica a finalidade da entrevista e garante o anonimato do entrevistado, todos concordaram e assinaram o termo.

Como os entrevistados não terão as identidades reveladas iremos tratar os entrevistados como 1, 2 e 3. Todas as entrevistas foram transcritas pela pesquisadora

para que pudesse obter detalhes importantes que porventura poderiam passar despercebidos.

O roteiro de entrevista foi planejado para os três entrevistados, por isso, os três responderam às mesmas sete perguntas voltadas ao planejamento da atividade turística; percepção sobre a relação do morador e turista e percepção do comportamento do ouro-pretano com a atividade.

A primeira pergunta foi sobre a prática de lazer dos ouro-pretanos, pois, sabemos que existem variadas opções de lazer que podem ser oferecidas pelos atrativos, ou mesmo que a população pode fazer uso do espaço para o lazer. Nessa pergunta os três entrevistados apontaram os possíveis fatores que podem impedir a realização do lazer. Os entrevistados responderam de forma afirmativa a pergunta, que sim, é possível que os espaços turísticos sejam usados para o lazer, mas que isso demandaria um olhar mais cuidadoso para cada atrativo, pois, cada um tem sua finalidade, o Museu da Inconfidência é um atrativo de apreciação, o parque Horto dos contos já permite que seja explorado outras formas de lazer, por exemplo. outro ponto também apontado é a de divulgação das atividades para que a público desejado seja atendido.

Tabela 1: Quadro de entrevistas

ÁREA DE ATUAÇÃO	CONVITE	ACEITOU/RECUSOU	ENTREVISTA
Hotelaria	Enviado dia 07/08	Aceitou	Google Meet - 09/08
Agenciamento	Enviado dia 04/08	Aceitou	Google Meet - 11/08
Poder público	Enviado dia 11/08	Aceitou	Google Meet - 22/08

Fonte: Elaborado pela autora (2022)

O roteiro de entrevista foi planejado para os três entrevistados, por isso, os três responderam às mesmas sete perguntas voltadas ao planejamento da atividade turística; percepção sobre a relação do morador e turista e percepção do comportamento do ouro-pretano com a atividade.

A primeira pergunta foi sobre a prática de lazer dos ouro-pretanos, pois, sabemos que existem variadas opções de lazer que podem ser oferecidas pelos atrativos, ou mesmo que a população pode fazer uso do espaço para o lazer. Nessa

pergunta os três entrevistados apontaram os possíveis fatores que podem impedir a realização do lazer. Os entrevistados responderam de forma afirmativa a pergunta, que sim, é possível que os espaços turísticos sejam usados para o lazer, mas que isso demandaria um olhar mais cuidadoso para cada atrativo, pois, cada um tem sua finalidade, o Museu da Inconfidência é um atrativo de apreciação, o parque Horto dos contos já permite que seja explorado outras formas de lazer, por exemplo. outro ponto também apontado é a de divulgação das atividades para que a público desejado seja atendido.

A segunda pergunta foi sobre a inclusão dos ouro-pretanos no turismo, no caso, se os entrevistados acreditavam que faltava algo para o turismo ser mais inclusivo para os moradores. Todos disseram sim, ademais, todos trouxeram a educação patrimonial como uma das iniciativas que pode trazer uma melhoria para a inclusão do ouropretano no turismo, fazendo com que o morador crie um laço com a cidade a partir da valorização da história e a partir disso compreendendo a sua importância para a atividade turística no município, não apenas como prestador de serviço.

Um dos entrevistados disse que a inclusão do morador também é um problema organizacional e de como o turismo é vendido na cidade, sendo um produto que é planejado para o turista, abaixo um trecho da fala sobre essa problemática

[...]Ouro Preto vende para turista, ela não tem intenção de vender para ouro-pretano... às vezes até por uma questão cultural de o turista paga o que o ouro-pretano não paga, mas porque o ouropretano não paga? Porque você não ofereceu um pacote que seja para ele, ele não se sente acolhido no turismo, informação verbal da entrevista 2).

A terceira pergunta foi relacionada ao Museu da Inconfidência. essa pergunta foi semelhante a pergunta feita para os moradores sobre a frequência de visitas, para esses entrevistados a pergunta foi se tinham a percepção de que os ouro-pretanos visitavam o Museu e as respostas foram parecidas, contudo, com pontos de vista diferentes. Um dos entrevistados afirmou que o ouropretano apenas visita o Museu quando criança com a escola, e que a partir dessa idade perdem o interesse de visitar o espaço, pois, o Museu se torna algo rotineiro, um local que têm consciência de que vai existir por bastante tempo, por isso, a visita pode ser adiada. O entrevistado

também acrescentou que alguns moradores não compreendem a importância dos atrativos da cidade que são mundialmente conhecidos

Esta resposta foi bem parecida com a do entrevistado seguinte, pois, também apontou que a cidade não tem maturidade suficiente para refletir sobre a importância dos atrativos, o que também pode causar fazer com que o morador não frequente o espaço, pois, o ouropretano não tem algo que o faça ir ao Museu, se tratando do acervo que desconhecem, mas também da falta de projetos que sejam direcionados aos moradores.

A falta de ligação entre atrativo e morador foi reconhecida por um dos entrevistados,

Quando cria algum espaço a gente já pensa “é para turista”. Os espaços que são criados no núcleo histórico principalmente, são vistos e entendidos para turistas, o espaço tem que ter uma relação com a comunidade, há um distanciamento, um vácuo que precisa ser trabalhado. Quando você cria um atrativo tem que ter um trabalho que chama, que desperta o morador, que ele possa entender que ele pode frequentar os espaços.” (informação verbal da entrevista 3).

Ademais, o entrevistado disse que para ele, existem moradores que frequentam o Museu, evidentemente em uma proporção menor do que a de turistas.

A quarta pergunta ainda é sobre o museu da inconfidência, mas agora a questão é se o museu é um ambiente receptivo para o morador, os entrevistados concordaram que é um espaço receptivo, contudo, é um atrativo que necessita de ações para que o ouropretano também sinta que existe uma estrutura para recebê-lo, não apenas o turista. Essa problemática da melhoria do Museu foi apontada como melhorias em sua estrutura física, que possibilitem que o entendimento do acervo seja mais fácil, com aplicativos e telas digitais que permitam uma interação com o texto explicativo de cada peça, e também projetos para despertar o olhar do ouropretano para o museu, assim também como ações de divulgação do Museu.

A quinta pergunta é relacionada à atividade turística e o quanto ela é planejada para envolver o ouro-pretano como uma peça importante para a atividade na cidade, os três entrevistados trouxeram pontos de vistas diferentes. O entrevistado um disse que uma das formas que pode ser entendida como o envolvimento do ouropretano na atividade é a presença de um morador nas gestões municipais, o que beneficia a população, pois, esta pessoa traz um olhar mais sensível da cidade, trazendo consigo as dores e reclamações dos moradores, o que auxilia o planejamento.

O segundo entrevistado disse que a única forma que o ouropretano se envolve é prestando serviço ao trade, e que as grandes oportunidades dificilmente chegam até os moradores, e que a atividade é feita para envolver o ouropretano para atender o turista.

O terceiro entrevistado apontou que uma das formas que pode ser considerado uma forma de envolver o ouropretano são os conselhos que existem na cidade, como o COMTUR, que é um órgão que tem como obrigatório um representante da comunidade ouropretana. Contudo, acrescentou que os conselhos são importantes, mas não suficientes para que o morador esteja realmente sendo participativo e lembrado nas ações do turismo em Ouro Preto.

A penúltima pergunta do roteiro foi relacionada sobre qual a percepção dos entrevistados sobre o contato dos turistas com os moradores, e se na opinião deles, o fluxo de turistas causa incômodo aos ouropretanos, para os entrevistados o incômodo existe, assim como em qualquer cidade que tenha um fluxo considerável de turistas, contudo, esse incômodo fica visível em datas comemorativas como o doze de outubro e o carnaval.

A última pergunta foi sobre as festividades tradicionais de Ouro Preto, que foram criadas na cidade e que possuem um apelo muito forte por parte dos ouropretanos, como o bloco do Zé Pereira dos lacaios e a festa da goiaba de São Bartolomeu, por exemplo, e se essas festividades têm potencial para ser atrativas ao olhar dos turistas.

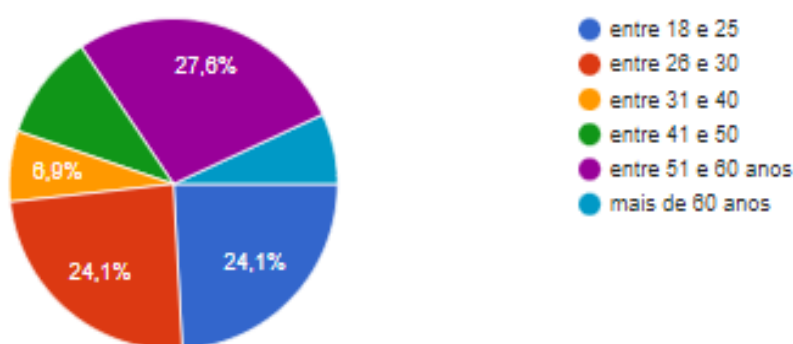
As respostas foram afirmativas, que sim, as festividades que nasceram nas comunidades têm um grande potencial turístico. Contudo, os entrevistados levantaram questionamentos importantes sobre o quanto a atividade turística pode impactar a tradição, como o fluxo de turistas e até mesmo criar um afastamento entre comunidade e tradição, já que, nos exemplos citados a comunidade tem um laço fiel com a festividade. Outra questão bastante importante seria infraestrutura, pois, se a festa da Goiaba ou outras festividades que acontecem nos distritos se torne atrativos poderia surgir a problemática da falta de hospedagem e estradas ruins, afinal, exceto o distrito de Lavras Novas, os demais não são preparados para receber muitos turistas.

O questionário direcionado para turistas da cidade de Ouro Preto-MG seguiu o mesmo padrão do questionário voltado para moradores. Com perguntas sobre bem-estar na cidade, percepção do visitante sobre o turismo e sobre o ouro-pretano, atrativos da cidade e também perguntas de caráter socioeconômicas. O questionário contou com quatorze perguntas, todas de múltipla escolha.

Como o questionário foi enviado de forma online, não houve escolha sobre os entrevistados, apenas a especificação de não ter morado na cidade em nenhum momento. Foi realizado um pré-teste para confirmar se as perguntas estavam de acordo com o que a autora desejava e se também eram de fácil entendimento para o participante. Esse questionário não precisou de alterações e foi realizado usando a plataforma *Google Forms*.

O questionário também segue o padrão de proteger a identidade de quem o responde, por tanto a identidade dos participantes foi anônima. As quatro primeiras perguntas foram sobre idade, etnia, gênero e faixa salarial. Considerou-se importante para essa pesquisa trazer os quatro gráficos referentes a perguntas para entender o perfil dos participantes da pesquisa.

GRÁFICO 6: Idade dos participantes da pesquisa.

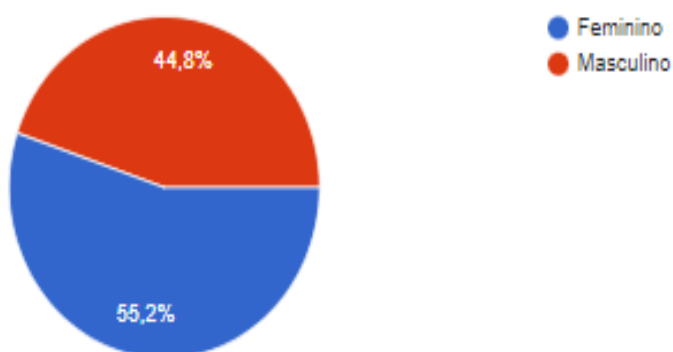


Fonte: Elaboração da autora (2022)

Nesse primeiro gráfico é possível enxergar que os participantes entre a faixa etária de 18 a 24; 26 e 30; e 41 a 60 anos predominaram na pesquisa, assim, tendo um menor alcance entre 31 e 40; 41 e 50 e mais de 60 anos. isso pode ter acontecido

por uma série de fatores, acesso aos espaços enviados, faixa etária dos visitantes de Ouro Preto e interesse pela pesquisa.

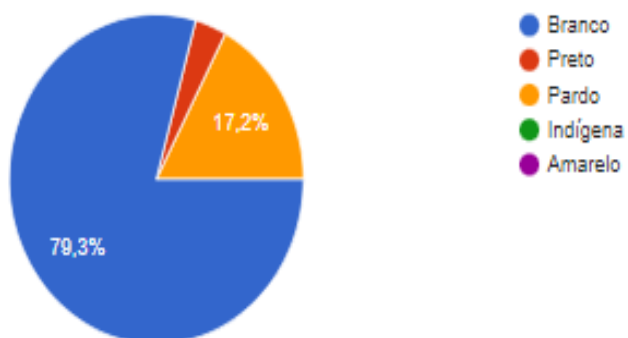
GRÁFICO 7: GÊNERO



Fonte: Elaborado pela autora (2022)

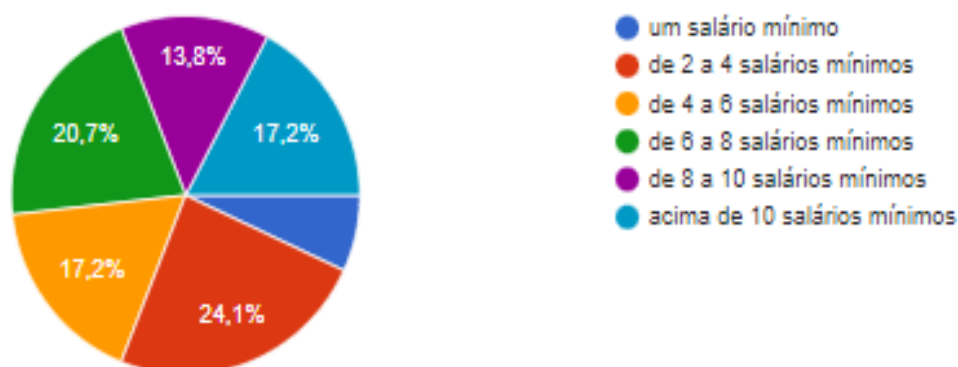
Os dois próximos gráficos mostram a etnia e a faixa salarial dos participantes da pesquisa. O que predominou foi pessoas que se entendem como brancos e com uma faixa salarial entre dois a oito salários mínimo e com grau de escolaridade que predomina a pós-graduação, fazendo um paralelo com o perfil dos moradores que participaram da pesquisa se uma via contrária.

GRÁFICO 8: ETNIA



Fonte: Elaborado pela autora (2022)

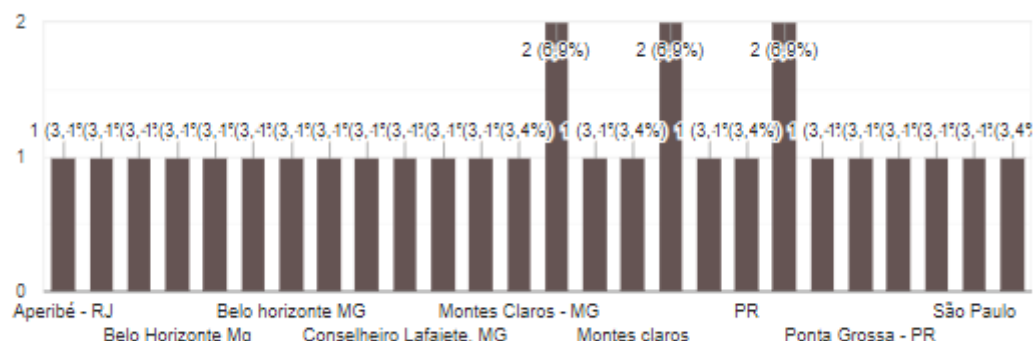
GRÁFICO 9: Faixa salarial dos participantes



Fonte: Elaborado pela autora (2022)

O gráfico a seguir apresenta a localidade dos participantes. Obteve-se respostas do Estado de MG, com maior predominância, seguido do Paraná, Espírito Santo, Bahia e São Paulo.

GRÁFICO 10: Porcentagem da localização dos participantes



Fonte: Elaborado pela autora (2022)

As próximas duas perguntas (7 e 8 no questionário) são relacionadas a motivação do turista em visitar Ouro Preto e quantas vezes já esteve na cidade. A maior motivação foi relacionada ao turismo cultural e eventos como carnaval e festas como Doze de Outubro e festivais tradicionais da cidade. A maioria dos entrevistados já visitou a cidade por mais de três vezes e apenas 10% dos entrevistados visitou apenas uma vez.

Gráfico 11: Vezes que o participante visitou Ouro Preto

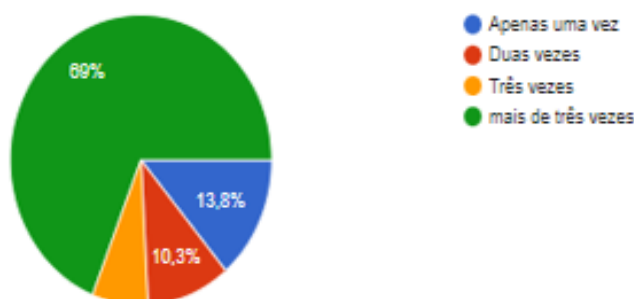


Gráfico 12: Motivação para visitar Ouro preto



Fonte: Elaborado pela autora (2022)

As próximas perguntas foram sobre a percepção que o turista teve enquanto esteve em Ouro Preto, se quando esteve aqui se recorda de ver os moradores em espaços turísticos, a resposta foi não de 42% dos participantes. E os participantes que disseram que lembram de ver moradores nos espaços apontaram que encontraram moradores na Praça Tiradentes.

A pergunta seguinte foi de uma escala de 1 a 5, como você descreveria a relação com o ouro-pretano, e o resultado mais apontado foi “4” e o contato com o morador foi definido como “bom” por metade dos participantes. Ademais, a penúltima pergunta foi sobre se os turistas se sentiram acolhidos em Ouro Preto, e 100% responderam que sim.

A última pergunta esteve presente no questionário de morador, nas entrevistas e no questionário para turistas, e foi perguntado o quanto acreditavam que a importância do morador se sentir bem com a atividade turística era importante para a

realização da atividade, novamente em uma escala de 1 a 5 e as respostas variaram entre “3” e “5”.

Por fim, com a análise dos resultados das três ferramentas utilizadas nessa pesquisa foi compreender como é a percepção dos moradores, turistas e das pessoas que atuam diretamente do trade turístico em relação ao turismo e ao bem-estar de quem vive na cidade, com opiniões que se dividem em experiências pessoais, vivências que permitem uma sensibilidade sobre os assuntos e a importância da atividade turística para a cidade.

5. CONCLUSÃO

Com o auxílio do referencial teórico e com a aplicação dos formulários e a realização das entrevistas foi possível concluir todos os objetivos propostos neste trabalho. Foi possível entender que o morador possui uma relação boa com os equipamentos turísticos, contudo, uma relação distante. O ouro-pretano, levando em consideração a maioria dos entrevistados, se sente confortável para frequentar quaisquer espaços turísticos da cidade, contudo, existe uma contradição nesse comportamento, pois, mais da maioria dos entrevistados também disseram que não frequentam os espaços.

Uma queixa geral por parte desses entrevistados foi o alto preço do que é oferecido como opção de lazer em Ouro Preto, pois, por exemplo, os shows que despertam a atenção dessa parcela da população têm um grande apelo turístico, tornando-se um produto caro. Pode-se afirmar também que o número de moradores dos bairros que fizeram parte da pesquisa e que frequentam a região central da cidade, assim como a adesão aos museus, igrejas e parques como uma opção de lazer é baixa, e a grande maioria mostrou não ter interesse em frequentar, pois, muitos disseram que não se interessam por essas práticas, que não usam o espaço porque é algo distante de sua realidade e que buscam outras formas de lazer. Além disso, os entrevistados apontaram que sentem um grande incômodo em relação trânsito, seja pelo não cumprimento das leis por parte dos visitantes da cidade ou pela lotação das ruas, uma queixa é fortalecida por (MACHADO; ALVES, 2013) que também traz em seu texto a reclamação dos moradores com o trânsito que se torna maior do que com o próprio fluxo de turista da cidade, assim como também foi constatado neste trabalho.

Os moradores do bairro Antônio Dias disseram, em maioria, que frequentam o centro histórico e as atividades que acontecem na região, que se sentem pertencentes a cidade e não se recordam de situações que os impediram de fazer parte do turismo na cidade. Analisando os quatro bairros, é possível afirmar que o bairro Antônio Dias teve uma resposta contrária em relação às outras três regiões que foram aplicadas os questionários.

Com relação ao segundo objetivo foi possível esclarecer que o trade turístico sabe das problemáticas da atividade, com relação ao tipo de emprego que turismo

oferece ao ouro-pretano e sobre o envolvimento da comunidade com o turismo, que muitas vezes é distante, já que a comunidade é pouco incluída no planejamento da cidade, como disse os próprios entrevistados. Além disso, também foi possível constatar que existe uma preocupação em relação à organização da atividade, seja pela forma como a cidade é explorada e divulgada e como é a instrução dos profissionais que trabalham com turismo, especialmente os guias de turismo. Ademais, também ficou evidente a preocupação com o impacto social e econômico da atividade. Além disso, pôde-se perceber que faltam ações e organização do todo que podem gerar mudanças significativas tanto para os profissionais

Quanto ao último objetivo, este evidenciou a visão do turista, contudo, sabe-se que ainda é preciso aprofundar ainda mais sobre qual a real relação do turista com o morador, qual o envolvimento e o grau desse envolvimento. Contudo, as respostas obtidas trouxeram a reflexão que corrobora com a fala de um dos entrevistados sobre o tipo de oportunidade que é oferecido a comunidade, pois, o apontamento feito pelos turistas demonstra que o morador está envolvido na atividade muitas vezes em subempregos, e também que essa situação é tão recorrente que a recordação do entrevistado sobre o morador é vê-lo prestando serviço, e não usufruindo dos espaços.

Também foi possível esclarecer as inquietações da pesquisadora sobre a questão do pertencimento dos ouro-pretanos e da valorização do patrimônio. Pode-se afirmar que existe esse o sentimento de valorização e pertencer dos moradores com seus respectivos bairro, com as outras áreas da cidade parece existir um estranhamento mesmo sendo moradores da cidade desde o nascimento, assim é o que também diz Estevão Rezende e Azevedo (2020) que para os autores pode ser justificado como “... um cenário que lhe é cotidiano e, por isso, lhe pertence.”

Foi possível entender que Ouro Preto é uma cidade acolhedora, que desperta nos turistas o desejo de voltar várias vezes, seja pelos atrativos, mas também pela comunidade. Contudo, ainda falta ações vindas da administração pública que valorizem a comunidade, os serviços prestados, e os bairros além do centro histórico, para que a comunidade consiga sentir que a atividade turística é planejada para a comunidade, para que assim, a valorização e a apropriação sejam de forma geral com a cidade.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho foi possível concluir todos os objetivos propostos acerca da relação dos moradores com os equipamentos turísticos da cidade, contando também com a visão do trade turístico e dos turistas, que são fundamentais para a atividade turística no município.

Contudo, houve limitações que surgiram no decorrer da construção desse trabalho, essas limitações foram percebidas enquanto eram feitas as análises dos formulários e entrevistas. No formulário destinado para turista, na pergunta 10, sobre “como você avalia o contato com o morador?” tinha como objetivo entender como foi o contato com a comunidade no cotidiano, praticando atividades rotineiras ou mesmo encontrando moradores em fruição nos espaços que o turista frequentou, porém, a pergunta foi entendida com o viés de moradores no papel de prestadores de serviço, seja em carnaval ou repúblicas, o que não era o desejado. Dessa forma, é importante para as próximas pesquisas relacionadas ao tema, que se aprofundem na verdadeira relação turista/ ouro pretano, em como se constrói essa relação e como ela acontece.

Ademais, essa limitação trouxe reflexões importantes para a pesquisadora sobre a oportunidade de emprego oferecida a comunidade e sobre como o turista recorda da forma como foi o contato com o morador.

Esta pesquisa poderá ser usada como base para auxiliar trabalhos futuros sobre pertencimento, valorização e sobre a visão do ouro pretano em relação a atividade turística do município, os turistas e o patrimônio. Além disso, também pode servir como referencial para pesquisas como uma forma de comparativo para outras cidades e também para pesquisas relacionadas ao comportamento dos turistas na cidade de Ouro Preto/MG.

Para pesquisas com o mesmo objetivo que esta, pode ser interessante realizar pesquisas em mais bairros e distritos da cidade, até mesmo os distritos que não possuem uma grande atratividade, também ir além nas questões relacionadas ao comportamento dos turistas em relação a comunidade ouro pretana e ao patrimônio.

Por fim, é muito gratificante poder realizar uma pesquisa que dá voz a comunidade ouro-pretana que me acolheu tão bem desde que cheguei na cidade há

alguns anos. Em momentos durante a aplicação do questionário foi nítido que alguns moradores se sentiram satisfeitos em participar da pesquisa e serem ouvidos, isto, juntamente com a oportunidade de que esta pesquisa possa contribuir para a comunidade e para a academia com trabalhos que podem aprofundar ainda mais o tema me faz finalizar esse estudo com um sentimento de dever cumprido.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVARES, F. Daniela, PAULA, B. Luciano. Gestão patrimonial e competitividade turística: Os desafios do turismo cultural em Ouro Preto (Brasil) e Cusco (Peru). **Revista Espacios**. [S.l.] Vol. 40 (Nº 27), p.1-8 , 2019.

ALVES, Eustáquio José; CAVENAGHI, Suzana; BARROS, Felipe Luis; CARVALHO, de A. Angelita. Distribuição Espacial da Transição Religiosa no Brasil. **Tempo Social**. [S.l.] v. 29, n. 2, p. 215-242, 2017

ASSUMPÇÃO, Laura Ana, CASTRAL, César Paulo. Olhares sobre Ouro Preto: Da patrimonialização ao cenário turístico. **Caderno Virtual de Turismo**. [S.l.] vol. 19, núm. 1, p. 3-11, 2019.

BANDUCCI JR., Alvaro ; BARRETO, Margarita. **Turismo e identidade local: uma visão antropológica**. Campinas, Papirus, 2001.

BASÍLIO, Sarah de Paula. **Os Desafios Do Restauro Público Em Ouro Preto: Um Olhar Sobre A População De Baixa Renda Do Caminho Tronco**. Instituto Federal de Minas Gerias. Monografia, Ouro Preto, 2017.

BENI, Carlos Mário. **Análise estrutural do Turismo**. São Paulo, Editora Senac, 2019.

BORDONAL, Sarah, SOUZA, Guilherme. **Compreender as mudanças na identidade místicas esotéricas em São Thomé das Letras causadas pela massificação do turismo**. *In: IX da Semana de Turismo, VI Mostra Científica*. Nº 9, 2017, Rosana. Anais.p.68-98

BRUSADIN, Benedini Leandro, SILVA, T. Henrique Rafael. O uso turístico do patrimônio cultural em Ouro Preto. **Revista de Cultura e Turismo**. [S.l]. ano 06 - nº 01 - Fev/2012

CHOAY, Françoise. **Alegoria do Patrimônio**. Lisboa, Edições 70,2014.

CIFELLI, Gabrielle. **Turismo, Patrimônio e Novas Territorialidades em Ouro Preto-MG**. Campinas, 2005. 220 p. Tese (Mestrado em Geografia) Unicamp

COELHO, Freitas de Mariana; GOSLING, Marlusa ; BERBEL, Giulia. Atratividade de destino turístico: a percepção dos atores locais de Ouro Preto, MG, Brasil. **Passos online**. [S.l.]. Vol. 14 Nº 4. p. 929-947. 2016

COSTA, K Raissa. Apropriação do patrimônio cultural pelo turismo A cidade de Ouro Preto em Minas Gerais, Brasil. **Turydes: Turismo y Desarrollo**. Vol. 10, Nº. 22, p. 2-5 , 2017.

CRUZ, Ariane Maria da Silva. **A influência do turismo no desenvolvimento econômico das cidades históricas de Minas Gerais**. 2018.

CRUZ, Ariza Cássia de Rita. “Patrimonialização do patrimônio” : Ensaio sobre a relação entre turismo, “patrimônio cultural” e produção do espaço. **Espaço e tempo**. São Paulo, , Nº 31, p. 95 - 104, 2012.

DE BRITO PANAZZOLO, Flavia. **TURISMO DE MASSA: UM BREVE RESGATE HISTÓRICO E A SUA IMPORTÂNCIA NO CONTEXTO ATUAL**.

DINIZ, Carvalho Karolyni. Lugar de Memória e Políticas Públicas de Preservação do Patrimônio: Interfaces com o Turismo Cultural. **Turismo - Visão e Ação**. Camboriú, vol. 13, núm. 2, maio-setembro, p. 149-165, 2011

ESTEVIÃO-REZENDE, Yuri Alexandre; AZEVEDO, Leonardo Francisco de. A Ouro Preto que não está no retrato: contando a cidade e capturando cenários sob a perspectiva dos seus moradores. **Ponto Urbe. Revista do núcleo de antropologia urbana da USP**, n. 26, 2020.

FRANCO, M. M. de A. **Ouro Preto dos poetas modernistas**. Remate de Males, Campinas, SP, v. 33, n. 1-2, p. 211–224, 2015.

JULIÃO. Leticia. Sensibilidades e representações urbanas na transferência da capital de Minas Gerais. **SciELO Brasil**. São Paulo v.30, n.1, p.114-147, jan/jun 2011

KÓHLER,Fontan André, DURANT, Garcia José Carlos.Turismo cultural: conceituação, fontes de crescimento e tendências. **Turismo- Visão e Ação**, Camboriú, vol. 9 - n.2 p. 185-198 Maio /ago. 2007

KRIPPENDORF, Jost. Sociologia do Turismo: Para uma nova compreensão do lazer e das viagens. 20 edições. São Paulo: ed. Aluph Publicações e Acessoria Pedagógica Ltda, 2001.

MACHADO, Fernandes Simone, ALVES, Santos Kerley. O turismo em Ouro Preto - Minas Gerais, Brasil - na perspectiva dos moradores. **Turismo e Sociedade**, Curitiba, v. 6, n. 3, p. 552-573, julho de 2013.

MACHADO, Simone Fernandes; DOS SANTOS ALVES, Kerley. **O turismo em Ouro Preto-Minas Gerais, Brasil-na perspectiva dos moradores**. Turismo e Sociedade, v. 6, n. 3, 2013.

MAZZUCHI, Ferreira, Maria Letícia. Patrimônio discutindo alguns conceitos. **Diálogos - Revista do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História**. Maringá, vol. 10, núm. 3, 2006, p. 79-88, 2006.

MELO, Alexandre. CARDOZO, Fabiula Poliana. Patrimônio, turismo cultural e educação patrimonial. **Revista Educação e Sociedade**. Campinas, v. 36, nº. 133, p. 1059-1075, out.-dez., 2015

MINISTÉRIO DO TURISMO. **Turismo Cultural**. 2005.

NATAL, Meneguello.Caion. **Ouro Preto A construção de uma cidade histórica, 1891-1933**. Campinas, 2007. 233p. Tese (Mestrado em História) Unicamp

NOGUEIRA, Mário G. **O papel do turismo no desenvolvimento econômico e social do Brasil**. Revista de Administração Pública, v. 21, n. 2, p. 37 a 54-37 a 54, 1987.

OLIVEIRA, Alexandra Campos. **A atividade turística e seus efeitos à população local: um paradoxo**. Caderno Virtual de Turismo, v. 5, n. 2, p. 73-87, 2005.

OLIVEIRA, da Silva Ramos Melissa. **Gestão Patrimonial em Ouro Preto: Alcances e limites das Políticas Públicas Preservacionistas**. Campinas, 2005. 263p. Tese (Mestrado em Geografia) Unicamp

PAES, Duarte Tereza Maria; SOTRATI, Antonio Marcelo. **Geografia, Turismo e Patrimônio Cultural**. Identidades, Usos e Ideologias. São Paulo: Annablume. 2017

PINTO, Erick. Turismo religioso no Brasil. 2002.

PIRES, Tiago. **Saramenha de Cima: uma " periferia" de Ouro Preto e as suas**

SILVEIRA, da Teixeira Gilmara. **Turismo em Cidades Históricas: Emprego e Renda em Tiradentes/MG**. In: V SeminTUR – Seminário de Pesquisa em Turismo do MERCOSUL Turismo: Inovações da Pesquisa na América Latina. Nº 5, 2008, Caxias do Sul, p. 1-15

SILVEIRA. Sena J. Emerson. Turismo Religioso no Brasil: uma perspectiva local e global. **Turismo em análise**. [S.l.] V. 18, n.1 p, 33 -51, maio, 2007.

SOUSA COLANTUONO Correia Aline. **O processo histórico da atividade turística mundial e nacional**. Cadernos da Fucamp, v.14, n.21, p.30-41/2015

TRIGUEIRO, Kátia. **Peculiares costumes locais e a percepção dos moradores em relação à atividade turística local-Ouro Preto–MG**.

VILLASCHI, João. **A Hermenêutica do Patrimônio e Apropriação do Território em Ouro Preto-MG**. São Paulo,2014. 294 p. tese (Mestrado em Geografia) Universidade de São Paulo

VOGT, Olgario Paulo. Patrimônio Cultural: Um conceito em Construção. **MÉTIS: história, memória institucional e gestão patrimonial**. – v. 7, n. 13, p. 13-31, jan./jun. 2008

XAVIER, Adriana Cristina. **O papel social do turismo**. Caderno virtual de Turismo, v. 6, n. 1, p. 9-15, 2006.

8. APÊNDICES

Apêndice 1: Questionário de perguntas aplicadas ao trade turístico

1. Você julga que os espaços turísticos de Ouro Preto podem ser utilizados para o lazer?
2. Na sua opinião, você acredita que falta algo para o turismo ser mais inclusivo para os ouro-pretanos?
3. O museu da Inconfidência, além de ser um dos pontos mais famosos de Ouro Preto, também é o museu mineiro mais bem avaliado no site TripAdvisor. Você acredita que o ouro-pretano visita o museu?
4. Você julga que o museu é um espaço receptivo para os moradores?
5. Como a atividade turística é planejada para envolver o ouro-pretano como uma peça importante para a realização do turismo, na sua opinião?
6. Como você avalia o contato do turista com o ouro-pretano? Você acredita que o fluxo em excesso incomoda?
7. Como você vê que a presença das pessoas nas festas tradicionais (São Bartolomeu, Zé Pereira dos lacaios^o exemplos) de ouro preto representa uma apropriação por parte da atividade turística da cidade?